

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

LISBOA
A LIBERAL — Officina Typographica
RUA DE S. PAULO, 216
—
1900

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

Apologos Dialogaes

POR

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO

(com uma noticia da vida e escriptos do author por Alexandre Herculano)

VOL. I

ESCRIPTORIO
147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147
LISBOA

1900



D. Francisco Manuel de Mello [1]

I

NASCEU este grande e affamado escriptor em Lisboa no anno de 1611, de familia mui nobre, porquanto pelo lado materno descendia do primeiro conde de Faro, irmão do duque de Bragança D. Fernando, que morreu degolado em Evora. Tendo estudado humanidades no collegio de Santo Antão, onde teve por mestre o historiador da Ethiopia, Balthasar Telles, seguiu a vida das armas, por morte de seu pae D. Luiz de Mello. Embarcou de 16 annos, como aventureiro, na armada que capitaneava o general D. Manuel de Menezes, mais conhecido como auctor da chronica d'el-rei D. Sebastião. Parece que D. Manuel ganhou particular affeição ao moço aventureiro, e que, conhecendo-lhe extraordinario talento, com seus conselhos mais o inclinou ao estudo, o que D. Francisco Manuel pagou com uzura, immortalisando nos seus escriptos a memoria do protector, amigo, e mestre.

---

(1) *Panorama*, 4.º vol. pag. 179 e 294.

De 28 annos já o auctor dos *Apologos dialogaes* servia de mestre de campo de um terço de infanteria na armada de Antonio Oquendo, mandada ao canal da Mancha em 1639 contra a d'Inglaterra. Antes d'isso tinha servido nos Paizes Baixos, e de lá voltando a Hespanha além de andar n'aquella armada militou no exercito do marquez de Las-Veles contra os Catalães revoltados. Andando na côrte de Madrid em 1637, quando rebentou a sublevação d'Evora, tendo apenas 26 annos, o duque de Bragança, depois D. João 4.°, o encarregou por via de Antonio Pereira, seu agente na côrte, de apresentar a el-rei de Castella e ao primeiro ministro as informações, cartas e documentos pelos quaes o governo castelhano podesse estar certo das suas intenções pacificas. Quanto D. Francisco Manuel trabalhou para se aquietar sem violencia aquella sublevação, se pode vêr nas Epanophoras e, em resumo, nos dois artigos que sobre os tumultos d'Evora publicámos a pag. 385 e 394 do 3.° volume. Acclamado em 1640 D. João 4.° e restabelecida a independencia nacional, apenas esta noticia se soube em Madrid, foi mandado prender D. Francisco Manuel que se achava servindo no exercito da Catalunha. O motivo d'este prendimento, segundo affirma elle proprio, consistia em ter patenteado pouco tempo antes ao governo de Castella o estado dos animos portuguezes, e a irritação em que os tinham posto as vexações dos ministros. Solto no fim d'algum tempo, passou a Hollanda, e d'ahi á patria a offerecer seus serviços. O que D. Francisco fez em proveito de Portugal desde que saiu de Castella melhor se pode vêr da seguinte passagem de uma supplica que dirigiu a D. João 4.°, e de que adiante faremos particular menção. A allegação de notaveis serviços, feita por tão elegante escriptor, é melhor historia, por certo, d'este periodo da

sua vida, que tudo o que nós poderiamos sobre isso escrever.

«Quiz-me Deus salvar a vida para empregar melhor os riscos d'ella em serviço de V. M. a quem não tardei a offerece-la, mais que o que se tardou em me darem liberdade.»

«Soltaram-me, e não sem premio e honra, como constou a V. M. pelos despachos que puz em suas reaes mãos.»

«Acaso cuidei, ou duvidei se havia de vir logo entregar essa liberdade, que gozava, ao imperio de V. M.? Não, por certo. O primeiro fui, que, rompendo difficuldades, e deixando commodos, vim a este reino, dando assim exemplo a que viessem outros.»

«Antes de chegar a elle comecei a servir a V. M.; pois entrando nos estados d'Hollanda, fui ali encarregado em nome de V. M., pelo embaixador Tristão de Mendonça, do governo d'aquella armada, que elle lá pervenira para soccorro d'este reino».

«Governei-a, e a conduzi a Lisboa, sendo aquelle um dos maiores soccorros, que em seu porto entraram, á custa d'immenso trabalho meu, pela contrariedade dos tempos, e faltas de todos os meios necessarios.»

«Justifiquei, e assigno o animo com que vinha, só por alcançar a honra de vassallo de V. M., fazendo particular estudo de não pedir mercê alguma; porque desejava primeiro merece-las.»

«Os postos para que V. M. foi servido destinar-me, por sua real grandeza se serviu a fazer-me mercê d'elles; não por algum genero de diligencia minha.»

«Aquelles em que todos cuidaram poderia ser empregado, se desviaram: eu, observando como podia o semblante da minha furtuna, em nenhum posto fallei jámais, e d'alguns procurei humildemente escusar-me; por convir assim n'aquelle tempo, tanto ao serviço

de V. M. como á minha conservação, até que o mesmo tempo calificasse meus prendimentos, com o que, a prazer de todos, podia merecer outros logares.»

«Fui depois, em foro de soldado, servir a V. M. a Alemtejo. O como servi e obrei em um anno de asssistencia dirão os cabos, debaixo de cuja mão servia. Vivos são; honrados são: estou pelo que disserem.»

«No mesmo dia em que eu estava diante d'um esquadrão, governando-o contra os inimigos de V. M., estava alguma pessoa, (que já d'esta practica haverá dado a Deus conta) n'esse Paço, persuadindo a V. M. me mandasse prender; porque eu sem duvida (a juizo da sua bondade) ia com animo de me passar a Castella».

«Fundava bem esta sua suspeita em me haver eu escusado de testemunhar contra Francisco de Lucena aquillo que eu não sabia, e este tal queria por força que eu soubesse, com pena de me ter a mim, e querer que me tivesse V. M. e o mundo n'aquella conta em que elle tinha aquelle ministro.»

Fui d'esta acção avisado, porque a practica não parou nos ouvidos de V. M. Então, por satisfação minha, tomando a ousadia da verdade, escrevi a V. M. uma carta, a que V. M., com singular clemencia foi servido de me mandar responder com outra, firmada da real mão, em 4 de janeiro de 1642, servindo-se V. M. de honrar-me tanto que se acham n'ella escriptas estas palavras: = Me pareceu dizer-vos que de vossos procedimentos tenho a devida satisfação, e fico certo que em tudo o mais que se offerecer de meu serviço procedereis sempre muito como deveis ás obrigações de quem sois, e á confiança que eu faço da vossa pessoa =.»

«Não houve occasião, conselho, negocio, ou confiança n'aquelle exercito, em que os cabos d'elle a não fizessem de mim mui particular. Será V. M. lembrado

fui boa parte para se resolver a campanha d'aquelle anno, tão bem lograda como todos viram.»

«Sabem todos se não deu forma áquelle primeiro exercito sem meus papeis, parecer, e industria. Examine-se bem quaes d'estas minhas acções foram simuladas. Veja-se em que faltei com a peesoa, com o juizo, e com a fazenda; e se para estes empregos se achou outro mais diligente, ou mais offerecido.»

«Serviu-se V. M., depois, de me mandar encarregar a conducção de todas as tropas rendidas por suas armas em Castella, tirando-me para este effeito do exercito, em virtude de uma sua real carta, em que V. M., depois de considerar a importancia d'este serviço, houve por bem que continuasse n'esta maneira: = confiando de vós, e do amor com que me servis, procedereis n'esta occasião como sempre fizestes em tudo o que se vos encarregou, (e mais abaixo) sendo certo que este serviço que ora me ides fazer, se ha de avaliar em vossas pertenções, como se fôra feito no exercito, em que com tanta satisfação minha o estaveis fazendo. «Foi esta carta escripta em Evora a 17 de Setembro de 1643.»

«Representei eu então a V. M. as razões que havia para que V. M. me escusasse de me misturar com aquella gente; porque sem falta isto seria dar novas azas com que voasse o odio de meus inimigos.»

«V. M. o não houve assim por bem, mandando-me responder por boca de seus ministros, podia estar seguro, que a confiança que V. M. de mim fazia se não embaraçava com similhantes calumnias.»

«Concluido aquelle negocio, que então era não de pequeno cuidado, se deu V. M. por tão servido do modo porque n'elle me houvera, que me fez mercê de me mandar escrever por carta de cinco d'outubro de

1643, o seguinte: = agradeço-vos muito o trabalho e acerto com que tendes concluido este negocio.»

«Varias vezes me honrou V. M. mandando-me assistir em algumas juntas com os maiores ministros, sobre materias de guerra, politica e conveniencia, como se vê dos bilhetes, porque fui chamado, que em meu poder tenho. Vivos são, e ao lado de V. M. assistem alguns dos sujeitos que alli concorreram, e ouviram meus pareceres; testefiquem do zêlo, e amor ao real serviço, com que sempre tratei aquellas materias.»

«Pareceu a V. M. podia bem empregar-me a servi-lo na conducção e commandos dos soldados reformados de Flandres e Catalunha, que andavam na côrte. Mandou-m'o assim V. M. por seu real decreto de 5 de novembro de 1642, e em muito breves dias, por minha industria, despejei a côrte de requerentes, e povoei as fronteiras de reformados.»

«O expediente que depois se tomou sobre seus soldos, conservando-se-lhe algum á parte, eu fui o primeiro que o arbitrei a V. M., por um papel, que para isso offereci muito tempo antes que se resolvesse, e emfim se praticou, na mesma fórma que eu havia proposto.»

«Mandou-me V. M., por decreto de 16 de novembro de 643, recebesse em seu serviço os soldados que andavam vagos na côrte, d'aquellas tropas dos rendidos de Castella, dos quaes por minhas diligencias desfiz mais de setecentos homens, que para o poder do do inimigo não voltaram, e d'estes, em menos de tres dias, reconduzi uma leva a V. M. de quinhentos homens, soldados velhos, que fui mettendo aos almazens, segundo V. M. me ordenava.»

«Não é para esquecer, nem creio que a V. M. esquecerá, que, achando-se quasi toda a nobreza d'este reino na campanha de Badajoz, fui eu escolhido dos

generaes para vir dar conta a V. M., de boca, dos designios, e potencia de suas armas, e receber de V. M. as ordens de como se servia ellas se empregassem em seus progressos.»

«Estes foram, senhor, passos meus e progressos em dois annos e meio, que assisti solto na côrte e no exercito de V. M. Mande-me V. M. agora a meus emulos, que declarem quaes foram os outros porque me calumniam; quaes foram meus designios, vistos por minhas obras, ou indicados por ellas n'estes seis annos de minha prisão.»

Do extracto acima se vê quão grandes serviços fez D. Francisco Manuel á sua patria nos primeiros tempos da restauração, serviços provados pelos documentos que cita, e pelo testemunho d'el-rei que invoca. Vê-se tambem que o odio, concebido contra elle por alguns homens poderosos, nascera de não querer fazer causa commum com inimigos do desgraçado Francisco de Lucena, ministro de D. João 4.º, que foi degolado como traidor, crime de que, segundo todas as probabilidades, estava innocente. Os emulos do nosso illustre escriptor vendo baldados seus enredos e calumnias para o perderem em quanto elle expunha a vida pela sagrada causa da independencia nacional, esperaram mais favoravel ensejo, o qual não tardou em apparecer.

Fôra assassinado um certo Francisco Cardoso, em consequencia de um adulterio que commettera com a mulher de um dos matadores. Descubertos os matadores condemnaram-os á morte, e o menos culpado a galés. Durante o processo alguns dos réus deram a entender que para perpetrar aquelle assassinio tinham sido comprados por D. Francisco Manuel. As contradicções em que laboravam suas declarações, e o indiciaram tambem outras pessoas claramente alheias áquel-

le crime, faz acreditar que ou elles se quizeram valer de um nome illustre para por esse meio se salvarem, ou que para envolver D. Francisco Manuel n'este negocio se empregaram as violencias e subornos de que, conforme todas as apparencias, alguem fez uzo para levar ao patibulo Francisco de Lucena.

Seguiu-se a prisão do indiciado, que em sua defeza apresentou quarenta testemunhas de credito, invocou a razão evidente do assassinio, que fôra a affronta feita pelo morto a um dos matadores, mostrou os absurdos e contradicções que havia no monstruoso processo que se lhe formara, e para anniquilar qualquer suspeita que podesse manchal-o pelas declarações ambiguas dos criminosos fez vêr como elles em outras circumstancias do seu processo tinham sido convencidos de falsarios. Apesar d'isto foi condemnado na segunda instancia em degredo perpetuo para a India, e em dois mil e seiscentos cruzados de custas, somma que (segundo affirma o proprio sentenciado) não valia tudo quanto elle possuia. Appelou então D. Francisco para el-rei, a quem dirigiu um memorial, que é talvez o mais eloquente arrazoado escripto em lingua portugueza, e que nunca se imprimiu. D'elle tirámos o pedaço que acima ficou transcripto, e outro que vamos apresentar, como um modelo de vehemencia, sentimento, e estylo, para que de caminho se veja quão rica e bella é esta nossa lingua portugueza, que para exprimir affectos nem carece de neologismos, nem de enredar-se de archaismos e de torcer-se no estylo metaphysico-barbaro dos rudes escriptores do 15.° seculo.

Havia seis annos que D. Francisco jazia preso quando este memorial foi dirigido a D. João 4.°, que passados ainda dois para tres annos, attendendo ás instantes rogativas de Luiz 13.° de França, que sobre este negocio lhe escrevera, o mandou restituir á liberdade sem

a menor condemnação, fazendo, em fim, justiça ao merito perseguido e desgraçado.

Provavelmente, depois da sua soltura, o nosso auctor recebeu a insinuação de se embarcar para o Brazil, onde a primeira sentença que teve no seu demorado processo o condemnara já a viver desterrado. Para lá partiu com effeito, e d'ahi, passados alguns tempos, regressou á Lisboa, d'onde, que nós saibamos, nunca mais tornou a sair.

Desde então viveu D. Francisco Manuel quasi exclusivamente para as lettras. Durante a sua larga prisão compoz uma boa parte dos escriptos que d'elle nos restam; poucos são anteriores a esta epocha, porque envolvido na vida militar e politica, pouco tempo podia dar ao estudo. Aos emulos que o perseguiram deve elle a gloria que cerca o seu nome. Se não fosse a dura e larga prisão, porventura teria gastado os seus dias no meio dos tumultos da guerra e dos enredos cortezãos. Assim os invejosos que pertendiam deprimil-o foram aquelles mesmos que contribuiram para que lhe coubesse o que n'este mundo mais preço e valia teem — o renome, e a immortalidade.

Historia, jurisprudencia, moral, politica, milicia, litteratura, tudo abrangeu o engenho prespicaz e universal d'este homem extraordinario. As imprensas de Leão de França, de Roma, de Londres, e de Lisboa, communicaram a um tempo ao mundo os fructos do seu saber. As pessoas mais illustres da Europa eram suas amigas; ou carteavam-se com elle. Fallava D. Francisco umas poucas de linguas com tal pureza e facilidade, que podia passar por natural de diversos paizes. Emfim nada lhe faltou senão a fortuna na vida, condição esta que quasi sempre acompanha aquelles a quem a consciencia d'uma grande superioridade torna pouco proprios para mendigar valimentos, ou para a

troco de vilezas comprar as riquezas e as *honras*, que, por certo não são o mesmo que a *honra*.

Viveu celibatario D. Francisco Manuel de Mello. Morreu em Lisboa em 1666. Foi sepultado em S. José de Ribamar, d'onde provavelmente a civilisação e o progresso já atiraram os seus ossos, ou para o Tejo, que fica visinho, ou para algum deposito d'immundicies que sirvam para adubar terras de pão pelo valle d'Algés, ou da Ribeira de Jamor.

II

Promettemos dar um extracto da representação dirigida por D. Francisco Manuel a el-rei sobre a sua prisão, da qual já apontámos um largo trecho como documento para a historia da sua vida. Desempenharemos hoje a promessa, e concluiremos este rapido esboço biographico de tão illustre varão, dando uma resumida noticia dos seus numerosos escriptos.

Depois de mencionar brevemente os serviços que fez ao seu paiz e a seu rei, com a espada e com a penna, D. Francisco Manuel prosegue assim: — «Senhor! — se estas são minhas acções exteriores, examinem-se as interiores, pelas quaes logo o animo dos homens é conhecido.»

«Quaes são os meus tractos? Qual o animo? Que soffrimento? Que pezar ou alegria com os bons ou maus successos publicos? Que pessoas são as da minha amisade? Que taes as razões que me são ouvidas?»

«Constará que minhas correspondencias são com os sujeitos mais graves d'este reino, e de maior religião e virtude: — que aquelles com que tenho mais estreita amisade, e me fazem graça de a quererem ter com-

migo, são os ministros e creados de V. M. mais confidentes, e mais para o serem.»

«Fóra de Portugal aquelles que de mim teem alguma lembrança, e eu a conservo para com elles, são os embaixadores, residentes, secretarios, e outras pessoas de que V. M. faz toda a conta e estimação.»

«Meus commercios são as lettras e os livros, em que maior piedade e honra se acha, como é notorio.»

«Meu sentimento e alegria é aquelle e aquella, que um bom e zeloso vassallo deve ter nos prosperos e adversos acontecimentos da sua patria.»

«E' constante, que, succedendo n'este reino, depois que eu a elle vim, quasi todos os casos de infidelidade, sem os quaes Deus não quiz conceder a gloria de vermos a V. M. em seu throno, foi tambem elle servido, por sua infinita bondade, que havendo-se enredado n'aquellas materias muitas pessoas, com culpa ou sem ella, não fui eu nenhuma d'essas.»

«Não é menos certo que em nove annos de Portugal, seis de prisão, e em quasi todos de perseguição, foi sempre tão claro e tão singelo o meu procedimento, que, apesar do artificio dos emulos, não houve nunca logar de me occasionarem esta ultima ruina.»

«Onde se achará, senhor, no mundo um mau que assim saiba e assim possa reprimir a sua malicia, e porque se não acabará de crêr que é bom quem por tantas obras, e por tantos annos o tem mostrado?»

«Que maldade não commette quem contra um proceder tão justificado pretende oppôr sombras de maliciosos pensamentos?»

«Dou todos por testemunhas da moderação com que levo meus trabalhos.»

«Acaso o ver-me enterrado vivo no melhor da minha edade, quando podera esperar de possuir o que

vejo esperdiçar aos outros, tirou alguma hora de mim uma só regra, e uma só palavra impaciente?»

«Vendo encaminhar a uma total ruina minha justiça, e tendo por certo havia pessoas, que folgariam de m'a não achar, e chegando a tanto que m'a não acharam, foi porventura tamanha causa bastante para que eu quebrasse estes cadeados de bons respeitos, que voluntariamente havia lançado em minha propria boca?»

«Cancei a V. M. algumas horas com petições de melhoras, ou de allivio de prisão? — senão que padecendo meus males e trabalhos, me accommodei sempre de tal sorte com a prisão que V. M. me assignou que já pode ser que pela conformidade com que a levava, houvesse quem d'essa temperança quizesse fazer artificio?»

«Ouviu alguem o meu nome antes d'agora pelos tribunaes, accusado d'algum delicto?»

«Esta observação é um dos incentivos que mais estimulam a meus contrarios a fazerem hoje contra mim todo o esforço de sua malicia. Sabem que livrandome Deus d'esta accusação, não acharam nem acharão cousa em que poder empecer-me.»

«Fui tão attentado ao grande decoro que devia á justiça de V. M., que havendo recebido uma carta d'el-rei christianissimo para V. M. em recommendação da minha causa, desviei que ella se apresentasse a V. M. pelas mãos do secretario do expediente, só a fim de não obrigar a V. M. contra seu dictame a alguma correspondencia com aquella corôa, ainda a troco de minha utilidade.» (1)

«Presentemente deixei de valer-me da intercessão

---

(1) De outra passagem da Representação se colhe que esta carta d'el-rei de França sempre foi ás mãos de D. João 4.º.

dos principes palatinos, com quem tinha algum conhecimento d'Inglaterra, e da rainha sua mãe e irmãos, quando me achei em Hollanda, sendo de alguma maneira invitado, com sua auctoridade, para esse effeito; só por me não parecer justo aprimir as resoluções de V. M. com extraordinarias diligencias.»

«Desejava e desejo de alcançar o beneficio de que necessita minha fortuna, ou da grandeza de V. M., ou da virtude de minha justiça.»

«Mas se depois de tão vivas razões particulares, podem ter algum logar as communs, por singular favor peço a V. M. se sirva de mandar ouvir o que ácerca de minha causa, procedimento e pessoa diz o povo, de quem se affirma por sua boca falla Deus.»

«Mande-me V. M. ouvir os soldados, os virtuosos, os amigos das lettras: ouça V. M. os bons e os melhores, que são os mais dignos de ser ouvidos, e de ser cridos dos principes: ouçam-se aquelles em cujo poder estou ha seis annos: mande-se V. M. de todos elles informar ácerca da minha vida, dictos e feitos.»

«Que artificio será aquelle, que tanto saiba fingir? Que industria, a que de tantos se recate, e a todos engane?»

«Não é, senhor, mais proprio, mais prudente, e mais christão discurso, entender que erra um ou dois primeiro que tantos? Que se enganam os poucos antes que os muitos; e que podem fingir os inimigos aquillo que se não pode fingir para todos?»

Depois d'esta passagem tão abundante e rica em sentimento, em vigor de raciocinio, em estylo, e em tudo, D. Francisco Manuel mostra com evidencia quão absurda era a accusação que contra elle moviam os seus inimigos de querer fugir da prisão em que se achava, e emfim conclue assim o seu admiravel papel:

«Eu deixei premios por vir buscar a V. M. e entre-

guei-lhe por eleição e por amor a liberdade que possuia. Nada d'isto se mudou, nem mudará em toda a vida; por quanto nas pessoas de juizo e christandade o castigo não induz desaffeição da parte de quem o dá, nem de quem o recebe. Castiga o bom pae e o bom senhor, e o que o não é deixa viver sem castigo ao filho e ao subdito, como que se lhe dá pouco da sua perdição.»

«Se eu o merecesse, e V. M. me castigasse, animo e juizo me deu Deus para o saber agradecer. Se o não merecesse, e V. M. me castigasse, animo e juizo me deu Deus para saber discernir as acções de V. M. das de meus inimigos, e conhecer que sua malicia d'elles inexcusavelmente obrigaria, em vez de justiça, a que contra mim se fizesse qualquer severa demonstração.»

«Tenho inimigos encubertos, e descubertos. Sabe-o, conhece-o, e conhece-os V. M. Tomo a Deus por testemunha de que não mereço eu odio de nenhum, nem de ninguem. Todavia não descançam de fulminar meu damno. Não me val para com elles o callar e o soffrer: mas para com Deus, e para com V. M. muito espero que me valha.»

«Conheceram que já aqui não tinham outra cousa com que criminar meu procedimento: inventaram esta, por ser a cousa que mais levemente se pode crêr de um preso o desejo da liberdade, sem saberem medir que ella para mim, por este meio, era mais dura que a prisão e o desterro, pois me negava a esperança, que não perderei nunca, de alcançar algum tempo a graça de V. M., e o suave repouso da patria, que, sobre todas as felicidades, é desejado dos homens.»

«Senhor! — castigando-me V. M., perdoando-me, mandando-me para os fins da terra, tendo-me n'elles, eu sou e serei dos mais fieis vassallos dos que a V. M. amam e obedecem.»

«Aquelle que nunca faltou aos homens com a verdade; nunca enganou aos amigos, aos conhecidos, nem a ninguem no mundo, este tal, senhor, é certo que tem feito largas provas, para não haver de faltar a seu senhor e a seu rei, a quem se deve mais verdade, a quem se ama mais, a quem se teme mais, e de quem mais se espera e depende.»

«Mostrará o tempo o que prometto. Verá V. M., saberão estes reinos, se Deus me der vida, se V. M. m'a deixar empregar em seu serviço, que, castigado, despresado, e cheio de trabalhos, procedo tão alegre e tão constante em minha obrigação, como aquelle que mais possue favores e premios.»

«Espero, já que no estado egual não pude obrar de sorte que deixasse de parecer digno de castigo, que no estado de minha miseria obre de maneira que a todos pareça digno de lastima e perdão.»

«Occasiões passadas houve, em que muitas vezes offereci a V. M. o sangue e a vida, que é sua. E assim como aquelle que deve lhe não é licito excusarse de pagar sua divida a quem e aonde manda seu acredor, assim tambem ao bom vassallo não é licito excusar de dar sua vida na parte e como lhe manda seu senhor.»

«Isto conheço: isto promulgo: isto protesto fazer.»

«No desterro, na parte onde V. M. fôr servido que eu viva, alli, senhor, estarei mais satisfeito e mais honrado, que no favor e na companhia de outro algum principe do mundo.»

«Este é costume antigo de portuguezes, que alguns desprezaram reinos para ser vassallos de seus reis.»

«Confio na bondade de Deus me dará graça para que não seja eu quem quebrante os louvaveis exemplos.»—

—Começou mui cedo D. Francisco Manuel o seu

officio de escriptor, que com tanta gloria exercitou toda a vida. Já dos 17 para os 23 annos ajuntava trabalhos de profunda meditação aos fructos da imaginação de mancebo, e á erudição de historiador e politico. Foi n'estes verdes annos que compoz as *Concordancias Mathematicas*, a novella *Finezas mallogradas*, o *Memorial da honra* sobre um imposto que Philippe 4.° queria lançar á nobreza, e uma collecção de Sonetos á morte de D. Ignez de Castro, thema ou teima eterna dos nossos poetas. De todas estas obras a unica impressa é a ultima, isto é os Sonetos, segundo todas as probabilidades, a menos valiosa de todas. Quando servia em Castella publicou a *Politica militar* na lingua castelhana, de que muito se serviu, por ser esta mais geral, posto que no proprio idioma fosse tão versado como mostrou em varios escriptos. Depois d'esta obra, em cinco annos que decorreram até 1643, nada mais deu ao prelo, occupado inteiramente com os negocios politicos e militares que n'essa epocha agitaram todos os animos tanto em Portugal como em Castella.

Foi n'este anno de 43 que deu á luz um manifesto a favor da revolução de 1640, com o titulo *Declaracion por el reyno de Portugal*, e debaixo do pseudonimo de Jeronymo de S. Cruz: no seguinte anno saiu com a *Demonstracion*, obra sobre o mesmo assumpto, bem como o foram os dois outros livros que publicou subsequentemente nos annos de 1645 e 1649, o primeiro intitulado *Ecco Politico*, o segundo *Manifesto de Portugal*. Por estes mesmos annos publicou D. Francisco Manuel a *Historia de los movimientos y separacion de Catalunha*, obra ainda hoje lida e estimada por nós e pelos castelhanos; a vida de S. Francisco d'Assis, que intitulou *El mayor pequeño*, escripto comparativamente de pouco merito, como o que imprimiu em dois volumes nos annos de 43 e 49, *El Fenix de*

Africa, *Augustino*. Estas duas vidas de sanctos compostas nos tempos da sua dilatada prisão, mostram quão abatido estava aquelle grande espirito com tão diuturno padecer.

As obras poeticas de D. Francisco Manuel publicadas separadamente em diversas occasiões sairam juntas e acrescentadas em Leão de França no anno de 1665. Constam de tres partes, a primeira e terceira contendo poesias castelhanas, e a segunda portuguezas. Entre esta se acha o entremez do *Fidalgo Aprendiz*, notavel pela propriedade e riqueza do estylo popular em que é escripto. Em algumas das *Cartas* imitou Sá de Miranda, mas ficou áquem do seu modello posto que não careçam de merito, e entre os sonetos e epigrammas se encontram alguns de bastante graça e agudesa; no genero grave parece-me levarem grande vantagem as poesias castelhanas ás portuguezas.

Duas obras moraes foram o fructo das suas meditações sobre a sciencia dos costumes; a primeira, talvez de todas do auctor a mais geralmente conhecida, é a *Carta de guia de casados* (Lisboa 1651), notavel pela delicadeza das observações, e a solidez dos principios: a outra mais pezada e grave com certa côr theologica, e certo guindado de pensamento e de estylo, é a *Victoria del Hombre*, que publicou em Roma em 1664.

As *Epanáphoras de varia Historia* (publicadas em Lisboa em 1660) são uma especie de estudos historicos, sendo talvez a primeira intitulada *Alterações d'Evora* a materia d'este genero mais bem tratada por D. Francisco Manuel, que tão grande parte teve n'aquelles acontecimentos. A terceira que tracta do descobrimento da Ilha da Madeira tem mais de novella que de verdadeira historia. Nos outros tres tomou por objecto, em uma o triste naufragio da armada portugue-

za, que capitaneava D. Manuel de Menezes, destruida por um temporal que a levou ás costas de França em 1627, n'outra a batalha entre as duas armadas hollandeza e hespanhola, dada no canal de Inglaterra, e em que os hespanhoes foram derrotados, na ultima emfim a conquista do Arrecife de Pernambuco feita pelo general Francisco Barreto aos hollandezes em 1654.

A *Primeira Parte das Cartas Familiares* sahiu á luz publica em Roma no anno de 1664. Estas cartas, que pela natureza do livro pareciam o menos importe dos que compoz o nosso auctor, são um dos mais illustres monumentos da sua gloria litteraria. A variedade de materias que contem, o tom conveniente, o estylo, e sobre tudo a pureza e propriedade de dicção fazem que ellas sejam um dos melhores modellos dos que n'este genero possue a lingua portugueza. D'este livro se fez nova edicção em Lisboa, cousa das mais torpes e miseraveis que teem sahido dos nossos prelos, de modo que hoje é de raridade e estimação aquella primeira edicção de Roma, principalmente quando lhe não falta a ultima carta, que em quasi todos os exemplares foi arrancada, talvez porque ahi se alluda ás torpezas que em negocios religiosos se commettiam na curia romana.

A *Aula politica* (Lisboa 1720); os *Apologos Dialogaes* (Lisboa 1721) e o *Tratado da Sciencia Cabala* (Lisboa 1724) foram composições publicadas posthumas. A *Aula Politica, Curia Militar*, é uma noticia da origem, organisação e prerogativas dos conselhos d'estado e de guerra, segundo os uzos e leis d'Hespanha. Segue-se-lhe no mesmo volume a *Epistola Declamatoria* ao principe D. Theodozio, papel muito importante, que lhe dirigiu com o mesmo intuito com que dirigira a D. João 4.° o que em grande parte publicámos n'este artigo. Quiz n'ella ponderar ao prin-

cipe os seus serviços, trabalhos e miserias na dilatada prisão que padecia. E' obra mui digna de lêr-se porque n'ella se encontra parte do vigor d'animo e d'eloquencia que, na supplica a el-rei, o nosso auctor mostrou possuir. N'este mesmo volume se reimprimiu a *Politica Militar* publicada já em Madrid em 1633.

Os *Apologos Dialogaes*, são no nosso entender, a balisa que marca o ponto mais alto a que subiu o talento de D. Francisco Manuel, e com razão dizem os editores ser esta a *obra mais politica*, *civil*, *e galante que fez seu auctor*. O sal com que estão escriptos estes inimitaveis dialogos, o tacto com que n'elles se castigam as loucuras, ridicularias, e maldades de uma sociedade corrupta, o talento com que o auctor trava esta especie de drama, genero de que alguma cousa participa o dialogistico, e a critica, erudição, e bom gosto de que elle dá provas, principalmente no ultimo dialogo, são os principaes motivos para se dar a este livro a primazia entre tantos que D. Francisco escreveu. Dividiu-o elle em quatro dialogos: o 1.° intitulado *Relogios Fallantes*, em que são interlocutores um relogio da cidade e outro da aldeia: o 2.° *Escriptorio Avarento* em que fallam um portuguez fino, um dobrão castelhano, um cruzado novo, e um vintem navarro: o 3.° *Visita das Fontes*, que se passa entre a fonte velha do Rocio, a nova do Terreiro do Paço, Apollo, e um soldado: o 4.°, em fim, *Hospital das Lettras*, é um dialogo entre Justo Lipsio, Boccalini, Quevedo, e o auctor. Este é certamente por todos os titulos o melhor, e o mais claro testemunho da vasta lição de D. Francisco Manuel, bem como da clareza do seu juizo em materias litterarias. E' para nós a cousa mais admiravel, o modo porque elle apresenta em poucas palavras a sua opinião ácerca d'uma multidão de escriptores portuguezes, hespanhoes, italianos, france-

zes, etc., sempre com expressões frizantes e infinitamente variadas, accrescendo a isso que pela maior parte os seus juizos foram confirmados pela posteridade, que por via de regra condemnou ao esquecimento os seus incuraveis, ou mais gravemente achacados.

O titulo do *tratado de Sciencia Cabala ou Noticia da Arte Cabalistica* está dizendo o que é o livro: — um aggregado de quantos desvarios sobre esta falsa e abstrusa sciencia lembrou ajuntar aos antigos rabbinos e a muitos entendimentos mais ricos d'imaginação que de juizo, e é innegavel que os muitos livros que D. Francisco Manuel leu ou consultou, para escrever o seu, lhe communicaram boa parte da lepra intellectual de que estavam eivados. Todavia encontra-se n'esta obra muita e variada erudição, e sobre tudo uma particularidade mais curiosa que é a noticia dos maravilhosos effeitos da arte de ensinar os surdos-mudos, posta em practica por seu auctor o catalão Bonet; effeitos que o proprio D. Francisco assevera ter testemunhado em Madrid, produzidos não só pelo referido Bonet, mas tambem por D. Luiz Ramires *seu successor n'aquelle difficil ministerio e magisterio, e que muito melhorou a arte tanto na especulativa como na pratica.*

Extensissimo é o catalogo das obras inéditas de D. Francisco Manuel, e os titulos principaes se podem vêr na Bibliotheca Luzitana, posto que ahi se contem algumas que já se achavam publicadas como *La Impossible*, especie de drama que está entre as suas poesias, bem como o *Canto de Babilonia*, e se não nos falha a memoria a comedia *De Burlas haze amor veras*, impressa em um dos volumosos repertorios do Theatro Hespanhol.

D'essas obras inéditas apenas conhecemos duas; o *Tacito Portuguez: Vida e Feitos de D. João 4.°*, que

Barbosa não menciona, e que apezar de incompleta, seria uma das que mais contribuiriam para a gloria do auctor, se algum dia se publicasse. A outra, que lêmos, e de que possuimos uma copia, é a *Feira dos Annexins*, livro curioso em que estão lançadas methodicamente as metaphoras e locuções populares da lingua portugueza, e que seria quasi um manual para os escriptores dramaticos, principalmente do genero comico, que quizessem fazer fallar as suas personagens com phrase conveniente e com as graças e toque proprio da nossa lingua portugueza, e do verdadeiro estylo dramatico, cousa a mais difficil talvez n'este genero de litteratura, e de que tão arredios andam os que ora o começam a cultivar entre nós, embuidos dos destemperos, escaracéus, e expressões falsissimas que aprendem pelos livros do visconde d'Arlincourt, e ainda dos grandes auctores dramaticos francezes; que até estes ás vezes apparecem eivados de tão pegadiço e damnado achaque.

Concluiremos aqui a noticia da vida e escriptos de um homem tão célebre, ácerca do qual desejariamos ter encontrado mais miudas e averiguadas memorias; mas obrigados da estreiteza dos documentos acingimo-nos a tão pouco, e ainda assim não seguros de não ter cahido em algum erro, de que nos desculparão aquelles, que sabem quão grande trabalho ha quasi sempre em colligir apontamentos para a historia das cousas nacionaes, e dos varões que mais honraram esta nossa terra portugueza.

A. H.

APOLOGOS DIALOGAES

COMPOSTOS POR

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO

Varão digno d'aquella estimação que o mundo emquanto vivo fez da sua pessoa e depois de morto conserva ao seu nome

---

OBRA POSTHUMA

E A MAIS POLITICA, CIVIL E GALANTE QUE FEZ SEU AUTHOR

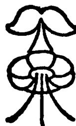
Offerecida ao preclarissimo senhor

D. ANTONIO ESTEVÃO DA COSTA

Armador mór de Sua Magestade, etc.

POR

MATHIAS PEREIRA DA SILVA



LISBOA OCCIDENTAL
Na officina de MATHIAS PEREIRA DA SILVA & JOÃO ANTUNES PEDROZO
MDCCXXI
Com todas as licenças necessarias

Licenças

DO SANTO OFFICIO

EMINENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR:

ESTES Apologos Dialogaes, que deixou escriptos D. Francisco Manuel de Mello, já eu tinha lido muitas vezes, porque com grande universalidade justamente correm copiados, tão merecedores são da luz publica, que não necessitam da que inventaram os homens com a impressão, porque outra melhor e mais perdoravel adquiriram suceessivamente nas palmas e estimações dos mesmos homens. Agora, que tambem se lhe pertende dar a luz commua da mesma impressão, os tornei a lêr por ordem de V. Eminencia, e de todas as luzes me parecem dignissimos; porque ao mesmo tempo egualmente nos ensinam e recreiam; divertem e advertem os animos e os entendimentos; já com as doutrinas moraes, que nos propõem, com a doçura e suavidade com que nos reprehende; já com as sentenças e agudezas com que nos admira; com as graças e galantarias com que nos alegra; nos successos e pessoas que introduz; já com a formosura e elegancia da phrase, pureza e naturalidade das palavras, em que resplandece tanto aceio sem artificio, tanta galla sem affectação, que deixa

absorta e suspensa a mesma admiração. Não me parece haver obra d'este genero, nem mais perfeita, nem mais galante, nem mais util, nem mais deliciosa. Em fim em tudo similhante ás muitas que correm impressas d'este insigne Auctor, com que illustrou a nossa Nação; onde será perenne e sempre esclarecida a sua memoria. Por todas estas razões, e sobre tudo, por não achar n'estes Apologos cousa alguma contra a Fé e bons costumes, me parecem dignissimos da licença que se pede a V. Eminencia para se imprimirem. Este é o meu parecer. V. Eminencia mandará o que fôr servido. Lisboa Oriental, Santo Eloy, 18 de Janeiro de 1720.

LOURENÇO JUSTINIANO DA ANNUNCIAÇÃO.

EMINENTISSIMO SENHOR:

Por ordem de V. Eminencia vi o livro intitulado Apologos Dialogaes, de que trata esta petição, e que quer imprimir Mathias Pereira da Silva, e n'elle não achei cousa alguma contra a nossa Santa Fé, nem contra os bons costumes; parece-me que se póde imprimir. V. Eminencia ordenará o que fôr servido. Lisboa Oriental, em o convento de Santa Maria de Jesus de Xabregas, em 2 de Abril de 1720.

FR. ANTONIO DE S. THOMAZ.

Vistas as informações, póde-se imprimir o livro intitulado Apologos Dialogaes, Politicos, de que trata esta petição, e impressos tornarão para se conferir e dar licença que corram, e sem ella não correrão. Lisboa Occidental, 9 de Abril de 1720.

ROCHA. FR. RODRIGO DE LANCASTRE. GUERREYRO. CARNEYRO.

DO ORDINARIO

ILLUSTRISSIMO SENHOR:

Manda-me V. Illustrissima, que veja os Apologos de D. Francisco Manuel de Mello, e devo interpetrar o seu preceito, que não é para os censurar, senão para os applaudir. Mas teem elles merecido tão boa opinião entre os amantes de boas letras e curiosos de bom gosto, que os applausos mais servirão já de credito a quem lh'os der, que de novo abono seu. Lá tem sua fortuna tambem os livros; a d'este sempre foi boa e será sempre a mesma: porque é merecida. Não ha descripção menos affectada, nem sátira menos offensiva. Não ha moralidades tão sem fastio, nem discursos tão sem embaraço. As figuras introduzem-se com todo o decoro, a arte dissimula-se com o melhor artificio. A linguagem em sua pureza; a graça em seu ponto; a reprehensão a seu tempo. O estylo familiar sem baixeza, erudito sem pompa, doutrinal sem mo-

lestia. As palavras naturaes, como sem estudo; escolhidas, como sem cuidado, collocadas, como sem mysterio. Quem assim escreve, nos deixa quasi persuadidos que podia ensinar a fallar até os insensiveis; porque nem os Relogios podiam fallar mais certos, nem as Fontes mais claro, nem as Moedas mais corrente, nem os Livros mais erudito. Em tudo se vê o grande juizo do Auctor e o seu nobre e fecundissimo espirito, que repartido por tantas fiuguras a todas se accommoda e dá alma, e viveza a todas. Ora o vemos cortezão galante sem vicio, ora politico discursivo sem enfado; umas vezes fiscal severo sem offensa, outras critico judicioso sem paixão. Já faz a reprehensão bemquista com a galantaria; já faz util a graça com a moralidade. Em fim consegue perfeitamente duas cousas bem difficultosas de unir, que são entreter ao mesmo tempo e approveitar. Inexcusavel seria o descuido, que até agora houve de imprimir tão excellentes Opusculos, se não vissemos que a curiosidade competindo com a impressão, tinha multiplicado traslados manuscriptos, quasi tantos, como podiam correr impressos. D'esse trabalho de copiar manuscriptos e mendigar traslados nos livra Mathias Pereira da Silva imprimindo estes Apologos, satisfazendo n'isso ao commum desejo dos curiosos e merecendo, não só a approvação, mas o louvor de todos. E' o que me parece. V. Illustrissima ordenará o mais acertado. Lisboa Occidental, e Congregação do Oratorio, 30 de Abril de 1720.

PEDRO ALVARES.

Podem-se imprimir os Apologos Dialogaes, de que esta petição trata, e depois de impressos tornem para se conferir e dar licença que corram, sem a qual não correrão. Lisboa Occidental, 2 de Maio de 1720.

D. J. ARCEBISPO.

DO PAÇO

SENHOR :

Se algum dia se pudera julgar menos pura a intenção da minha obediencia, fôra hoje na lição d'este livro, para que já me servia de estimulo o nome de seu Auctor que, como disse, no que ha tão pouco tempo (obedecendo ao mesmo soberano impulso) acabei de rever, elle é o que só dignamente o póde approvar. Sempre as suas obras se recommendaram á posteridade para a estimação, e para o appluso; sendo egualmente celebres as que escreveu no estylo galante, que no sério; e se em cada um de tão oppostos estylos, sendo tratados de per si, se singularisou sempre o seu grande talento, como realçará hoje em uma obra, em que fazendo mais rara a duplicidade, observa juntamente ambos ; e formando união da differença, até chega a deixar duvidosa a sua distincção !

Mas ainda sobe de ponto a admiração, porque ainda passa a mais a singularidade ; pois não menos no jocoso, que no grave, sabe ao mesmo tempo recrear, e advertir ; divertir, e utilizar ; sendo esta a ultima gloriosa méta do juizo humano, tão poucas vezes coroado do humano discurso.

Fallam n'estes Dialogos os Relogios, e a todas as

horas fallam; que como collocados de mais alto, tem mais livres as vozes; mas esta mesma liberdade, que pudera degenerar em desattenção, não deixa de ser decencia; a mesma voz, que assim penetra os ares, é a mesma que provoca os animos, para conhecer e abraçar o bem, para detestar e reprehender o mal.

Fallam as Moedas, e sendo tão corrente a linguagem em que fallam, não correm menos, que discorrem para a persuasão dos bons costumes, condemnando egualmente a ambição, que a avareza; com tanta efficacia e suavidade, como poderam attrahir a cobiça as mesmas moedas.

Fallam os Tostões, e fallam tão claro, que as suas linguas podem servir de espelhos em que se veja a consciencia mais ajustada, a politica mais justa, a attenção mais escrupulosa, e a razão mais attenta. A pureza do crystal do seu curso, é a mesma que tem o curso das suas vozes, que em perenne afluencia dos mais uteis e necessarios documentos, levam e elevam as attenções ao melhor uso d'elles.

Fallam finalmente as boas Lettras, qne são só as que deviam fallar, pois sabem o que fallam; mas com serem os caracteres tão varios como os idiomas, as materias tão diversas como as artes e sciencias, e os estylos tão differentes como os genios, em todos fallam, por todas discorrem, com todos se accommodam, e a todos utilizam.

N'estas quatro scenas se divide a dôuta, discreta, deliciosa representação d'estes Apologos, que até aqui com avára prodigalidade corriam manuscriptos, sendo as memorias a estampa, e os traslados o prelo em que viviam impressos, reservando-se para este tempo o serem gloriosa fadiga da prensa, pela industria e diligencia de Mathias Pereira da Silva, que segunda vez a quer enriquecer com o thesouro de tão preciosas

obras; livrando-as dos precisos erros das copias, que não fez seu Author, nem são tiradas do mesmo original, e fazendo esta a mais correcta, que pode ajustar e conferir a curiosidade de erudita applicação. E como este é um livro, que até quando diverte aproveita, e os seus dictames são tão conformes á justiça e á verdade, já se vê que não pode ter cousa que repugne ao real serviço de V. Magestade, sendo todo fundado n'estas mesmas virtudes. Isto me parece. V. Magestade mandará o que fôr mais de seu agrado. Lisboa Occidental, 26 de Maio de 1720.

Jozeph Soares da Silva.

Que se possa imprimir vistas as licenças do S. Officio e Ordinario, e depois de impresso tornará á mesa para se conferir e se lhe dar licença que corra, e sem ella não correrá. Lisboa Occidental, 6 de Junho de 1720.

Andrade. Botelho. Pereira. Oliveira. Teixeira.

Está conforme com o seu original. Lisboa Oriental, S. Eloy, 12 de Maio de 1721.

Lourenço Justiniano da Annunciação.

Visto estar conforme com o seu original, póde correr. Lisboa Occidental, 13 de Maio de 1721.

ROCHA. ALENCASTRE. CUNHA. TEIXEIRA. SILVA.

Póde correr. Lisboa Occidental, 14 de Maio de 1721.

D. JOÃO, ARCEBISPO.

Taxam este livro em 800 réis, em papel. Lisboa Occidental, 15 de Maio de 1721.

PEREIRA. NORONHA. OLIVEIRA. TEIXEIRA.

DEDICATORIA DO AUCTOR

AO DOCTOR

ANTONIO DE SOUSA TAVARES

Desembargador dos Aggravos, Juiz da Corôa e primeiro Ministro da Junta do Estado de Bragança

JÁ ouvirieis a graciosa indecencia com que disse um dos nossos discretos, que a imaginação era curral do conselho, onde por não ter portas todo o animal tinha entrada! Se isto alguma vez foi verdade, na imaginação dos solitarios se verifica. Persuado-me que do proprio modo, que ao homem só o investem seus inimigos, ao homom só o assaltam seus pensamentos; entre os quaes não ha algum tão cobarde, que deixe de fazer fortes n'aquelle, a que ninguem deffende. Todavia não sei que feitiços nos dá a solidão, que apezar d'esses inconvenientes, quem uma vez a experimentou, sempre a procura; será porque n'ella entre o entendimento e o ceo ha pequeno intervallo; larga distancia entre a vida e o perigo, quando racionalmente se busca e sabiamente se dispende! Ora eu não advogo esta vez por ella, sendo seguro da affeição que vos deve. Porém vós em tudo não só varão da justiça, mas varão justo, constituido *sobre nós* e para que nenhuma razão padeça,

não podeis sem prejuizo da Republica querer da solidão a posse, contentae-vos com a reverencia; nem ella espera de vós mais, que a approvação por exercicio. Os fortes capitães tenham (como costumam) por apozentos os perigosos cornos da lua, em os de seus exercitos. Alogem os sabios ministros (segundo vemos) nas ourellas dos thronos, que não estão ahi menos em seu lugar, de que os homens desenganados, escondidos pelas tocas agrestes. Foi sempre a fortuna grande pintora de passagens, que assim de longes, como de pertos, de vistas primeiras e segundas compõem esta formosa perspectiva do mundo. D'onde é para notar, que aquelles baixos materiaes, que em si não são outra cousa que taboas, lenços, terras e azeites de que a pintura se serve, ella os realça, levanta e illustra, de tal modo, que agora nos parecem altos montes, agora soberbos edificios; talvez rios caudalosos, e talvez fresquissimos arvoredos. Mas oh! Senhor! Aonde vou, que deixando, como a principio vos disse, de par em par a imaginação, não tornei mais a entrar n'aquella, da qual parece haver partido. Consenti-me tornar atraz, e assentando que vivo só e que como só discurso, e que como só entendo, ficará logo corrente a confiança da offerta que vos faço, enviando-vos este humilde conceito, que uma vez cá me entrou na imaginação, por achar a porta aberta, e entrou para não sahir até communicar-vo-lo. São os conceitos como as figuras, que se vazam em moldes, sempre hão de trazer a propria fórma da matriz em que se engendram, e quando esta seja illustre, pouco importa que a materia o não seja. Estatuas vemos de barro altamente prezadas ou ao contrario as de ouro valem pouco, quando informes. O primeiro fim com que escrevi este Apologo, foi só por divertir-me de penosos cuidados que ha tantos annos me

acompanham, ou para melhor dizer, me perseguem. Comparo eu a memoria aos bugios (perdoae tão baixa comparação, com que seja propria) se os não ataes a um pezado cepo em vez de enterterem com os seus jogos, são perluxos e damninhos contra quem os cria: assim é a memoria, vendo-se solta, quando alguma ponderosa obrigação a não opprime, tudo revolve, tudo acarreta, lança a perder tudo, e no cabo lastima e maltrata ao proprio que a alimenta.

Depois (digo) prosegui este papel com nova esperança de interesse, (bordão de todas as obras) que desde que teve geito de ser alguma cousa, guardei para vo-lo apresentar. Pouco vae, em qne vá errado, se ha de parar em vossas mãos: uma de mestre, outra de amigo; não perigará em nenhuma: sendo certo, que se tornam defeitos proprios, aquelles que os amigos uns aos outros dissimulam. Fará pelo menos certo aquillo de que eu mais necessito, que como todas estas razões se dirijam a vós sómente, não puz aqui palavra, que não fôsse de vós uma lembrança. Do applauso vos desobrigo, e até da censura, porque vós nada lereis para vós sem conceito, e eu não quero de outrem ser lido. Escuso-me a esse troco de que me gabe, ou me desculpe, fugindo ao costume dos mais, que a cada passo em o que julgam de seus escriptos, se nos convertem de auctores a leitores dizendo-nos de si o que nós haviamos de dizer d'elles. Para uma só acção vos peço o vosso voto, e seja para approvar a eleição que fiz do vosso nome, porque entre tanto merecimento ficasse dissimulada a curta valia d'esta obra. Quando ella alguma hora montar na estimação d'aquelles que lhe podem dar preço, a vós se deve esse interesse, vós o lograes, pois de vós ha procedido. Sabendo-se como eu tenho ha dias feito um contracto com o tempo, quito-lhe a gloria que pudera

dever-me pelo bem que obrasse, com condição que me não injurie pelo que fizer a seu descontentamento. Tomo-vos por meu juiz conservador, para o que lhe façaes observar as condições d'este contracto, a que estou prestes. Sobretudo vos guarde Nosso Senhor como desejo, etc. N'esta Aldeia, em 20 de setembro de 1654.

V. A. e D.
D. F. M. de M.

RELOGIOS FALLANTES

APOLOGO DIALOGAL

PRIMEIRO

Fazem interlocução um relogio da cidade e outro da aldeia

RELOGIO da cidade. Seja v. m. muito bem vindo, quem diremos que é?

Rel. da aldeia. Concerte Deus a v. m. senhor relogio.

Rel. da cidade. Tristes de nós, que logo nos conhecemos pelas mãos como damas!

Rel. da aldeia. E ás vezes pelas badaladas como galantes; mas não é isso, se não que nos corre a ferrugem pelas rodas, como aos homens o sangue pelas veias.

Rel. da cidade. Logo relogio é tambem v. m.?

Rel. da aldeia. Sim senhor, ainda que indigno.

Rel. da cidade. E d'onde, se se póde dizer?

Rel. da aldeia. Villão sou, não ha ahi nega-lo, que é o peior das villanias.

Rel. da cidade. Antes já ouvi dizer a um prégador na minha egreja, que cada um é obrigado a conhecer-se.

Rel. da aldeia. Sim; se é para emendar ou dissimular seus defeitos; não para se prezar d'elles.

Rel. da cidade. Comtudo v. m. me diga como se

chama? Que sua gentil presença me promette grande achado em tão boa companhia!

Rel. da aldeia. Não se fie de apparencias, senhor relogio; porque d'essa maneira nos está enganando todo o mundo, e até o mesmo céo, que cada dia nos apparece azul, não tendo côr alguma; o officio dos olhos é vêr, chorar e enganar.

Rel. da cidade. Sem embargo, a agradavel presença é como sobrescripto de boa letra, que mostra será a carta da mesma mão.

Rel. da aldeia. Tambem n'essa pouquidade nos trapaceiam os grandes, porque de ordinario o córte não é do mesmo panno que a amostra.

Rel. da cidade. Nem a nota irmã da firma; mas deixemos para outra hora o lêr por sentença, e vamos hoje por carta de nomes. Como é o nome de v. m?

Rel. da aldeia. Sou, com perdão de v. m., o relogio da villa de Bellas, ou sem perdão, para melhor dizer; porque nunca fiz erro, que se me perdoasse. Parece, que só para mim anda o mundo concertado!

Rel. da cidade. Tá, tá, tá, v. m. é o relogio de Bellas? Grandes cousas tenho ouvido de seu bom gosto. Dizem por cá finalmente, que v. m. é relogio de Bellas, mas não bello relogio.

Rel. da aldeia. Zomba v. m. porque me vê aldeão; pois tambem lá na cidade dizem, que cantam as moças: Relogio, que andaes errado, que não daes as horas certas.

Rel. da cidade. E, quem queres tu que tape a bocca aos namorados, e lhes acerte com a vontade, com que o mesmo amor não atina? D'onde eu cuidei já, que por isso o pintaram com os olhos cubertos, como mulla de atafona, porque com as muitas voltas que os amantes lhe fazem dar, o coitado endoidecêra, se vira.

Rel. da aldeia. Tenho feito minha obrigação no-

meando-me; fazei vossa cortezia correspondendo-me, quem quereis ser? Por qual mandaes que vos tenhamos?

Rel. da cidade. Quem gostareis vós que eu seja? Sou esse cançado, esse negro, esse maldito relogio das Chagas de Lisboa.

Rel. da aldeia. Chagado e ferrugento vejo eu a v. m., para ser tão grande e tão antigo cortezão, de quem a fama publíca mil galantarias.

Rel. da cidade. O' saloio, por bom modo me deshonraes de mentiroso!

Rel. da aldeia. E vós a mim de villão com bem máo modo.

Rel. da cidade. Por isso se diz, que não ha alfaiate bem vestido. Nunca vereis menos cortezia, que na côrte. Soffrei! Anda o mundo desconcertado, e o peior é que nos põem a nós a culpa.

Rel. da aldeia. Essa manha sempre elle teve, e muitas vezes cá pelas minhas móças de ferro hei notado, que de continuo os baixos pagam os encontros dos altos, que é justiça de canhotos, ou esquerda justiça. Oppõem-se lá no céo dois planetas, eclipsa-se o sol ou a lua e nada de tudo aquillo prejudica ao céo; pagam os campos, as sementeiras, e talvez os homens as paixões que passam as estrellas no seu firmamento, e os planetas em suas espheras, como se nós os atiçassemos; o que me cheira a sem razão de dois em carga. Na terra é do mesmo modo. Os homens desmancham o mundo, e os relogios tem a culpa!

Rel. da cidade. Ora pois todos somos de campanario, será bom que nós vejamos os jogos, como bons parceiros: a que vindes a esta casa?

Rel. da aldeia. Ao mesmo para que vós estaes n'ella.

Rel. da cidade. Dir-vo-lo-hei: sou tão m al afortunado

que sendo eu dos mais anciãos relogios da cidade, me deram por aio um mentecapto, vêde que gentil pedagogo podiam ter meus desvarios?

Rel. da aldeia. Muito tempo ha, que o tempo é esse; uma cousa vos digo, que quando por mais não fôra, que estar sugeito á censura dos parvos, se não podia ser discreto.

Rel. da cidade. Vou ávante: O meu pedagogo era torto, e mandaram que me endireitasse, (cousa impossivel!) porque já disse o dictado castelhano, que *solo Dios acierta a reglar con regla tuerta.* Emfim era um thesoureiro, que enthesourava tudo quanto lhe davam por ter cuidado com os meus descuidos. Jámais me untou as rodas pelas untar ao carro de seu proveito: jámais me alimpou, temendo sujar-se, e então pela culpa alheia, eu não sou a mesma pontualidade; em lugar dos pezos, que me não levantava, me levantou falsos testemunhos, tantos, que juntos á ruim suspeita, que o povo do meu bairro teve sempre da minha verdade, não descançaram meus inimigos até não darem commigo em casa d'este maldito caldeireiro, aonde nos vemos, e d'onde dizem que já não sahirei senão para o ferro velho, depois de haver em vão tomado mil suores de fornalha, dois mil banhos de forja e quatro mil esfregações de bigorna, que não sei como sou vivo. De sorte amigo, que as mentiras e trapaças d'aquelle tacanho, eu hei de ser quem as pague. A fama de mentiroso ficará sempre para commigo, e o falsario será satisfeito, não só as rodas me andam todas ao redor, ou me desandam, mas a mão, a cabeça, e tudo se me desconcerta, cada vez que cuido no engano dos tolos dos meus freguezes e na malicia do malvado sachristão, por quem se me causaram tantos males. A isto vim, n'esta fórma me vejo, e n'esta affronta. Notaes como anda a nossa côrte bem governada?

Rel. da aldeia. Como quem se governa pelo relogio das Chagas.

Rel. da cidade. Por mim não, mas por outros peiores, sim; porque todos os que nos governam trazem seus relogios comsigo, por ser insignia de homem de estado, os quaes elles temperam sempre á sua vontade. De maneira, que governando elles como querem os seus relogios, se governam por elles, e assim vivem sempre ao gosto de seu gosto; boa ordem! E então que só seja conhecido por fabuloso o pobre relogio das Chagas, que com ninguem se mette; assim vae tudo direito!

Rel. da aldeia. Sempre ouvi dizer que era manha de ministros, fazerem-se elles os relogios da republica e fazerem que os mais dessem horas como relogio.

Rel. da cidade. Tendes razão, e por isso um pintor astuto mandando-se-lhe pintar o symbolo de um ministro, pintou um relogio ao revés, a campainha para baixo e os pezos para cima.

Rel. da aldeia. Que queria dizer n'isso? Porventura, porque os ministros trazem sobre si os pezos e os pezares da republica, e que a lingua assim no sino para baixo, é a que ha de andar por baixo de tudo sem apparecer?

Rel. da cidade. Não, por certo, mas porque diz lá um proverbio, que a nós outros os relogios todos nos crêem e nenhum nos adora; por isso o pintor agudamente pintando um relogio ás avessas, quiz dizer, que os ministros todos os adoram, mas ninguem os crê.

Rel. da aldeia. Senhor relogio da cidade, badalemos limpo, que as paredes ouvem, e as dos campanarios nunca foram de segredo.

Rel. da cidade. Olhae ora cá, se o estar sempre á dependura, me não ha de valer para tirar o medo de morrer enforcado, melhor é acabar logo de uma vez.

Rel. da aldeia. Cala-te, que te fundirão.

Rel. da cidade. Pois que importa? Farão de mim campainhas, e então lhes direi por cem boccas, o que não querem ouvir de uma. Por Deus, mas que me fundam, mas que me confundam, eu hei de tanger sempre a verdade!

Rel. da aldeia. Por isso tu cá vens, porque és mentiroso: diz que a verdade na lingua dos que a não fallam, é como a agua do chafariz de El-Rei, que por correr por canos de enxofre sempre faz mal ao figado.

Rel. da cidade. Figados ha ahi tão damnados, que da agua pura e clara, fazem peçonha.

Rel. da aldeia. E tu amigo, que ganhas em desenganar o mundo, que se não quer desenganar; o summo gráo de sandice é perder-se um pelo ganho do outro.

Rel. da cidade. E' nobreza do coração, e ainda proximidade não deixar perseverar a ninguem no seu engano.

Rel. da aldeia. Vou vendo que v. m. terá maior, que bom officio; mas sabes como se paga?

Rel. da cidade. Como?

Rel. da aldeia. E nunca ouvistes de um que se vingava dos cães que lhe ladravam, levantando-lhe que eram damnados? Pois o proprio succede entre os homens: d'onde em nossos tempos já houve algum tão desapiedado, que disse que não havia vingança como a de uma ruim fama, porque tendo uma pessoa mais inimigos que amigos, sempre eram mais os que a criam do que os que a duvidavam; nem seria pequena vingança deixar (quando menos) o credito do contrario duvidoso. Isto apeteces e isto solicitas?

Rel. da cidade. Vindes tão sabedor, que me pareceis antes relogio da Universidade de Coimbra, que da aldeia de Bellas.

Rel. da aldeia. Não ha villão, que não saiba para seu proveito.

Rel. da cidade. Assim deve ser, segundo os via approveitados desde a minha torre, quando Deus queria.

Rel. da aldeia. Esta cousa é natural: os pequenos são os que crescem. Nenhuma arvore vereis, que se contente com ficar no estado em que a plantam; e se se vê apertada, ou se levanta ou se secca; as grandes páram, e se fazem mudança é para diminuirem; murcham-se e cahem. Nos homens passa da mesma maneira; os que são crescidos, não podem ser maiores, antes se se abalam é só para a ruina. Os que se vêem em estado infimo procuram avantajar-se, e tanto se esforçam, até que se estiram; emfim tudo aquillo que já é, não cuida de ser: e tudo aquillo que já não é, de nenhuma outra cousa cuida. D'onde vem?

Rel. da cidade. Já sei do que vem, erguerem-se as tripeças e baixarem-se as cadeiras. Este é o bom governo do mundo! Se terão tambem d'isso a culpa os relogios da cidade? Mas v. m. senhor relogio de Bellas, com toda a sua pratica vae dissimulando muito bem a causa de sua santa vinda.

Rel. da aldeia. Peccadora, por meus peccados, lhe chamae vós, se não chamar-lho-hei eu.

Rel. da cidade. Arrebeçae, arrebeçae, que vos vejo com engulhos de desgraçado, salvo se sois de uns hypocritas de desaventuras, que por se fazerem gente, se mettem tambem em reste com os mofinos.

Rel. da aldeia. A esses tenho eu inveja, porque ao menos está em sua mão deixarem de ser desgraçados cada vez que o diabo os tenta a serem verdadeiros.

Rel. da cidade. Muito me retenis a letrado, releginho de por ahi além! Dizei vosso dito.

Rel. da aldeia. Direi: porque na comedia do tempo

são já taes nossos feitos, que todos podemos dizer nossos ditos.

Rel. da cidade. Valha-me Deus, sendo relogio que tantas horas daes para os outros, só para vós falta uma hora?

Rel. da aldeia. Das muitas que tenho, me peza, mas ouvi: Penduraram-me ha 30 annos; não sei se é chaminé ou campanario a casa de minha vivenda, e assim sem mais nem mais mandaram-me ser relogio, que governasse a terra sobre minha palavra. Eu vendo-me onde nunca me havia visto, como não fôra outra vez gente, fazia-me pedaços, e cursava todo o dia e noite sem atinar jámais com minha obrigação. D'onde vi, que a boa vontade desarmada da sciencia e experiencia, não basta para fazer homens peritos, como cá cuidamos. Depois que com ruim satisfação dos moradores, e peior agrado dos passageiros, não relojava cousa com cousa, resolvi-me a parar e não se me dar de nada. Assim o fiz e amuei-me, de feição que nas 24 horas do dia minha bocca se não despregava. Entendia eu que o silencio me podia fazer bemquisto, como se o não fazer nada mal feito pudesse supprir a obrigação dos que são obrigados a fazer cousas bem feitas. Ora os visinhos vendo-me parado, encommendaram-me a um alveitar, que vivia junto de mim, o qual acceitou logo a commissão, muito persuadido de que por eu ser de ferro, e elle tratar de ferraduras, atalharia logo meus desconcertos. D'aqui procedeu, que o pobre ferrador empregado no que não sabia, deu commigo e comsigo de avesso, porque os viandantes, vendo-o já mestre de relogios não ferravam com elle, e os moradores sabendo que tão mau relojoeiro sahira, lhe não pagavam seu salario.

Rel. da cidade. Mofino homem! Quantos conheço eu, que por isso mesmo medraram por tomarem os

officios que não são seus, e sabem outros, por fazerem o que não sabem.

Rel. da aldeia. De que sorte?

Rel. da cidade. Porque vendem a sua ignorancia por mysterio, e como ninguem quer mostrar que ignora o que o outro mostra que sabe, fica-lhes mais perto approvar a parvoice alheia, que descobrir a propria.

Rel. da aldeia. Deixae-me já fenecer meu conto.

Rel. da cidade. Até a vós se quizeres.

Rel. da aldeia. Pois vendo-me eu tão mal tratado fiz-me louco.

Rel. da cidade. Tende mão, se d'essa laia é o vosso panno, em boa hora viestes.

Rel. da aldeia. Porquê?

Rel. da cidade. Porque nos custam cá os doidos os olhos da cara, valle aqui a doidice pezada a pezo de ouro; e d'ahi nasce, que são mil as castas de nossas teimas; cada qual se quer trajar de seda do costume; e a que se costuma, ainda que seja de ruim lei e feitio, é a que valle mais cara. Parecer-vos-ha agora bem um saio de Arbim de espadas? ou um sainho de palmilha, como já vestiram os reis e as princezas? Pois isso mesmo é agora um sezudo.

Rel. da aldeia. Pois se assim é, bem disse logo o outro antigamente, que na doidice só consiste o sizo.

Rel. da cidade. E outro mais antigo que esse: Arrenego de meu pae, se d'essa agua me não molho.

Rel. da aldeia. Sempre os desvarios acharam maré de rosas e mar bonança, para o applauso do vulgo.

Rel. da cidade. Vamos ao ponto: como vos fizestes doido? Ensinae-mo pelo que póde succeder.

Rel. da aldea. D'esta maneira nunca dava hora com hora; ainda os loiros raios do sol não appareciam nos beiços do Oriente, já eu lhe cascava o

meio dia; era alta noite quando lhe pespegava as seis, ou sete.

Rel. da cidade. Estou vendo que te não poupavas por dar mais do seu direito. A liberalidade até do que não vale nada, sempre valeu muito. Mas que proveito conseguistes d'essa insania?

Rel. da aldeia. Grande: primeiro fazer minha vontade.

Rel. da cidade. Sanha de villão; e depois?

Rel. da aldeia. Depois? Que sendo geralmente malquisto de meus visinhos, me tiraram o officio em breves dias, porque diziam elles, que assás melhor e mais barato lhe serviria de relogio a gulla do sachristão, ou a preguiça do cura.

Rel. da cidade. Bem affirmou logo o que affirmava, que não trazia relogio na algibeira, mas no estomago, e tal houve, que disse, que tinha sempre as horas na ponta da unha, porque com ella acommodava como queria a mão do seu mostrador.

Rel. da aldeia. Ó diabo! Se unhas foram relogios, quem se entendera com as horas da nossa terra; mais horas tivera então um dia, que agora um anno.

Rel. da cidade. Muita graça tinha aquelle escolar, que consultava á candeia, que horas eram pelo relogio do sol.

Rei. da aldeia. Que me dizeis?

Rel. da cidade. Pois acrescentae-lhe, que morreu ministro do maior tribunal do seu tempo.

Rel. da aldeia. E como sentis do outro que desmentindo o sol do seu relogio, jurava e terjurava que o sol era errado.

Rel. da cidade. Esse era como o nosso Barraca, que queria matar o sol porque lhe não enxugara o seu manteo enrocado: esta é uma relè de malhadeiros gloriosos, que tem por certo que tudo o seu é melhor

que toda outra gente: não matou mais a peste grande, que esses com suas presunções e porfias tem moido de pessoas!

Rel. da aldeia. Mas como vos ia dizendo.

Rel. da cidade. Pois amigo, encostae o pejo, e descalçae a vergonha, porque haveis de saber que n'esta casa, em que estamos, se vem curar os mais illustres relogios da côrte e reino.

Rel. da aldeia. Valha-me Deus!

Rel. da cidade. D'isso vos espantaes?

Rel. da aldeia. Não, não me espanto de que se venham curar, senão de que cuidem que ainda tem cura.

Rel. da cidade. Ora não negarei a malicia do saloio, de quem gracejam os doutores, que é certa sallada de gentio com seu azeite e vinagre de Mafoma.

Rel. da aldeia. Isso não é por mim, que descendo de mui nobre ferro, fidalgo biscainho, com misturas de aço de Millão, cavalleiro lombardo.

Rel. da cidade. Menos roncos se lhe prás, que fidalguias de mar em fóra, são como o trigo do mar; sempre val menos, que o peior da terra, e lá tem de ordinario seu fortum, d'onde é conhecido por bastardo. Contentae-vos com ser christão velho, sem esbarrar pela ladeira abaixo de fidalguia, que é a mais sem sabor empreitada que tomam os madraços, e quanto é por essa, eu fico que nenhum bem vos succeda: sede relogio como vossos antepassados, e se acaso vos achares filho de um ferrolho, e neto de uma enxada, calae-vos, e não esbombardeis, que como estejaes em alto estado, eu vos fico que nem por isso tina peior a vossa campainha, quanto mais que não faltará aqui algum limbajudo, que a troco de quatro réis vos enxira na arvore dos sinos de S. Pedro em Vaticano.

Fazei por vos prezar da vossa sorte, que assim fazem os honrados.

Rel. da aldeia. Mal poderei despresar-me d'ella, tendo-vos n'ella por companheiro.

Rel. da cidade. Que mais quereis que vos diga? A primeira vez que eu aqui vim curar-me, encontrei cá muito em segredo o relogio da sé, que se vinha emprastar e remendar de mais de mil enfermidades.

Rel. da aldeia. O relogio da sé em casa do serralheiro?

Rel. da cidade. Esse mesmo.

Rel. da aldeia. O da Matriz?

Rel. da cidade. Esse proprio.

Rel. da aldeia. Que lhe doeria ao relogio metropolitano?

Rel. da cidade. Padecia uma madorna mortal.

Rel. da aldeia. Porque causa?

Rel. da cidade. Porque o senhor sineiro afim de lhe cahirem as matinas baixas pela manhã, tudo era fazer dormir toda a noite o bom do relogio: faltava o tempo para louvar a Deus e sobejava para o seu somno. A cidade andava revolta com sua revolução, deram-lhe na trilha ao innocente, mas não ao peccador, que pondo em pés de verdade suas mentiras, sem pés nem cabeça, prevaleceu de tal modo, que á calumnia cedeu a innocencia, e o pobre relogio quebrando-lhe a hora na boca, houve de ser o culpado na madorna do velhaco, até vir passar esta vergonha, que agora está passando por nós outros. Vêde como seria bem emendado o desconcerto, curando-se a innocencia do relogio, e ficando em seu ponto a poltronaria do sineiro?

Rel. da aldeia. Grande caso! Agora digo, que não somos os aldeões os mais mofinos vivendo em perenne

desterro das côrtes e cidades, se n'ellas vae tanto de monte a monte a malicia!

Rel. da cidade. Bem pareceis boçal; pois se vos eu contára outro segredo ficáreis frio.

Rel. da aldeia. Contae, mas que me deixeis congellado.

Rel. da cidade. Juraes vós de manter silencio?

Rel. da aldeia. Juro pelo alto sol que nos governa, e assim eu me veja livre da lima e do martello d'este villão, em cujo poder nos vemos.

Rel. da cidade. Ora sabei, que os annos passados deu uma desenteria ao relogio da côrte, tão desordenada, que ninguem o julgou á vida.

Rel. da aldeia. Ui! Tambem lá chegam esses desmanchos?

Rel. da cidade. Antes alli são mais cadimos.

Rel. da aldeia. Quem tal fizera crêr ao senado da minha aldeia!

Rel. da cidade. Ouvi-me: eis o relogio da côrte, que entrava muito em secreto pela casa do mestre d'onde eu tambem jazia por travessuras, mas já convalescido, quando começam a ir recados e mais recados do provedor das obras, que logo fosse concertado. O pobre serralheiro dizia que tinha muito que concertar. Nada lhe valeu até lhe mandarem alcaides á porta; vendo-se pois o triste homem tão affligido, appellou da violencia para a industria; vem, e que faz? Pois não faz mais, nem menos, que tomar-me a mim em corpo e alma, e chimpar-me na ametade da torre, como quem não diz nada, e sem me dizer a mim cousa alguma, ferrolhou-me a porta, e vae-se. Confesso-vos que estranhei, vendo-me em aquellas alturas, e que como prégador safaro me espantava o grande auditorio: mas finalmente esforçado, e fazendo das tripas coração, sabendo que não havia outro remedio, e que o mestre

me achava digno d'aquelle officio, me determinei a servil-o como podesse. Chegada a primeira hora, escumei a vós, e compuz o movimento, vou, e dezando, e por Deus, que foi como outra cousa; tão pontualmente assisti ao meu exercicio, que eu proprio me desconhecia, pois como lá dizem, se quereis conhecer o homem dae-lhe mando; e como quem más manhas tem, tarde ou nunca as perde, ou fosse d'isto, ou do saibo da vazilha, ou do ar corrupto que me deu no alto da vaidade, brevemente comecei a fazer taes cousas, que o mundo se tornou em um novello. Sabia que nos tribunaes meus sufraganeos se custumava entrar ás sete horas, e em sendo tempo de que eu as désse dissimulava com o negocio até ás nove, e então com grande sumissão escaçamente dava as sete; e como tambem tinha entendido que o despacho se continuava até as onze, antes que fossem bem dez, já vinha com ellas. Durava apenas uma hora o expediente dos tribunaes, e supposto que as ampulhetas, ou relogios de areia, me desmentiam a cada hora, com tudo havia ministros tão meus amigos e affeiçoados, que tomavam sobre sua consciencia a minha verdade, affirmando que nunca tão ajustado como então andára o relogio da côrte, que minhas rodas mereciam ser de ouro, e balsamo o azeite com que se temperassem. Tal havia, que ao meu concertador julgava digno de um habito de Christo. Pois as mulheres e criados d'estes, que os viam recolher sedo, contra seu costume, ahi vos gabo eu que tinha as bençãos certas. Com os requerentes me não ia tão bem, porque os mais vendo-se desacommodados de monção, e para tudo faltos de horas, me amaldiçoavam pela boca pequena. Nas audiencias, ahi era eu homem; e ahi era a sua total desesperação d'elles, porque fazia de modo, que das dez ás onze não punha meia hora.

Rel. da aldeia. Não tinheis escrupulo de ser ladrão do tempo.

Rel. da cidade. Não; antes entendia, que ao rei e á republica fazia um grande serviço, atalhando assim prosas de soldados falladores, queixas de lettrados presumidos, orações de frades descontentes, impertinencias de velhas lagrimosas, que vem a ser em summa os quatro elementos, de que se compõem e descompõem o mundo dos negocios, ou os negocios do mundo. Por eu deixar com a palavra na bocca, e a mesura no ar a um ratinho, dera quanto se vê do meu campanario; porque tal ha d'elles, que por teima de que seu visinho não seja almotacé nos coutos de Leonil, vem a pé sessenta legoas á côrte, gasta o que tem, mata aos ministros, e no cabo volta-se á sua terra, e por dois magustos, que ambos merendam, depois de muito bem deshonrados, elle e seu contendor, ei-los amigos. Pois que vos parece? Será materia de restituição, desviar a um d'estes a audiencia, e cercear meia hora, a troco de que para elle a não haja, nem para el-rei tal enfadamento? Ora deixa-me a mim com a minha consciencia, que mais vos contarei de travessuras que tenho feito. E' um conto largo!.

Rel. da aldeia. Se ellas forem tão sazoadas e merecidas, como as que fazeis aos fidalgos da Beira, ouvi-las-hei de muito boa vontade.

Rel. da cidade. Assim como me dava o faro que algum bacharel impertinente estava marcando as horas para dar assalto em casa do regedor ou presidente do paço, sabeis o que fazia? Furtava-lhe a volta, e sumindo o curso, gizava de tal sorte o movimento, que chegava elle duas horas depois do regedor e do presidente serem saidos; era um gosto ouvir lamentar a estes letrados enfadonhos, quando tal lhes succedia: choravam-se, diziam mal á sua vida, escomungavam a hora

em que nasceram e o costume da côrte, aonde sempre faltava o tempo para o que era necessario. Depois convertidos contra mim, tudo era lançar a culpa ao maldito relogio do côrte, que os enganava (como se lá fosse estranho!) Eu ria que arrebentava de os vêr e de os ouvir, e cada vez lhes fazia peior. Já namorados! Isso foi uma só cousa, fiz d'elles gato sapato. Filhas de ourives e mercadores ricos, e delicadas, tive toda a noite em pé como Centurios, sem acabar de dar a uma, sabendo que essa hora era o signal para que lhe acudissem a fallar seus galantes: lògo em vendo que fallavam, dava de esporas ao movimento, e em meia hora de conversação choviam horas sobre elles. Punha-se-me uma alma nova ouvindo-lhes trocar os requebros em querelas, e conceituarem sobre a ligeireza com que passam as horas do contentamento; vendendo-lhes eu gato por lebre cada noite, porque assim como de noite todos os gatos são pardos, até de dia todos os namorados são cegos. Mais moços tenho desesperado, que o gagao, ou carteta. Umas vezes por ronceiro, outras por estragado, sempre lhes dava desgosto nas horas de seus passatempos. Tafues não tinham commigo medra, porque fiados no relogio, que não dera ainda, ou sim dera, os fazia recolher por chuvas, neves e ventos, mortos, acatarrados, e fóra de horas, cheios de somno e vazios de dinheiro: emfim procurava de os mandar pelas ruas á vergonha, que posto que este vicio não tem pena pelas leis, (ou se lhe não executam) ao menos eu lhe queria dar aquella que podia; pois como eu soubesse que homem casado com mulher brava e ciosa, anoitecia fóra de casa na conversação escusada ou illicita, então era o meu repouso, dormia como carapeta: elles confiados em que o relogio da côrte não dera as nove horas, que é a taxa de todo o captivo do ma-

trimonio, se deixavam estar repartindo outras nove horas; eram já as doze quando eu despedia as nove. Não ha carreira de lebre no Alfeite tão gostosa, como eram para mim as carreiras que elles davam para casa, atordoados de medo, e dos sinos da meia noite. Caçadores tenho enterrado muitos; mais com raivas que lhes hei feito, do que tem com madrugadas o seu proprio officio. Aos lampeiros me fazia perguiçozo; e confiados em minha palavra os detinha entre os lençoes até ser alto dia; desesperavam-se, que eu os castigasse com tanto regallo; que ha gente tão extravagante no mundo, que lhe faz mal o que lhes está bem! Contra os poltrões era a propria diligencia; quatro horas antes do dia os mandava esguichar pela porta fora, arrenegando do desenfado do relogio. Mil galantarias tenho feito a damas e a freiras, d'estas que celebram as meias noites com procissão de golodices custosas e arriscadas: em me cheirando a filhóz, em me dando o vento da empada, ou em vendo reluzir o prato de ovos, não havia doze horas na minha taboada de sabbado para domingo; mas pagavalhe esta demora, sendo promptissimo em dar meia noite, as noites de quinta feira para a sexta; com o que tenho esperdiçado tantas ceias no paço e nas casas dos grandes senhores, que as quizeram muitos para o jandar de muitos annos. Tomei por devoção não dar á gula e á occiosidade nenhum adjutorio. A uns acommodados, que tem como por onzeno mandamento jantar ás onze horas, hei feito taes trapaças e de tão bom humor, que me puderam levantar estatuas, como a Pedro de Malas Artes, Gusmanilho de Alfarache, e a Pablilhos, el Buscon. A estes confrades da vianda, irmãos de mesa do senhor Entrudo, fiz eu maior guerra; porque descompondo e fingindo sempre as horas da comida, lhe dei mil azos a mil ac-

cidentes de mal de estomago e de ourina, e talvez a muitos reverendas apoplexias, onde de ordinario os golosos vem a pagar seus excessos. Para beatas do meu bairro era um cutello de dois gumes; nunca lhes dei uma hora a proposito de seus propositos, porque vim a entender por experiencia, que na maior parte d'esta gente, e seus costumes, mora a superstição e hypocrisia. Perguntae que mais virtude póde ter uma de suas orações a tal, que a tal hora? Velha conheci eu já, que ensinava ás moças, que as pragas rogadas das onze para o meio dia eram de vez, porque todas empeciam. Pois eu logo a estas soccorria com horas a tempo, nem horas? Todas as trazia em um vivo enleio, e com o proprio engano com que ellas traziam a outras cachopas, de S. João ás quartas feiras, e da Virgem do Monte ás sextas, que vão mudas á romaria, espreitando o que diz a gente que passa: d'onde affirmam que lhes não falta a resposta de seus embustes, se hão-de casar com fulano, ou não; se fulano vem da India com bons ou maus propositos; ou se se apalavrou lá em seu lugar com alguma mistiça, filha de Bracmene! Juro-vos que a toda esta canalha fui falsario, e que as trouxe tão desvariadas com meus acintes, que muitas se queriam mudar do bairro pelas falcatruas que lhes fazia o relogio. A cegos rezadores, homens de almas, aguardenteiros, avendeiros, e em fim a toda essa chusma dos matutinos despertadores fui peçonha. Havia na minha visinhança sollicitador tão presumido de bem informado nas cousas curiaes, que ouvindo na sua pousada vinte relogios, não se queria reger se não pelo da côrte, com que dava com as demandas por esses trigos; porém tudo isto não era nada em comparação do que lhe succedia ao coitado do verdadeiro relogio palatino, que em meu logar foi levado á torre das Chagas! Era elle bonissima

pessoa, e muito inclinado á razão, e como dos passados desconcertos se achava vergonhoso, trabalhava sempre por fallar verdade e ser pontualissimo em seus ditos, vindo com as horas muito ás suas horas. E porque o adro da minha egreja (já abinitio) não é mais que um terreiro de mentirosos, velhacos e vadios, de verão á sombra, e de inverno á soalheira, succedia que quando algum d'aquelles poltrões ia enxarceando alguma patranha, que em quatro horas não acabaria de a apparelhar, n'este ponto o bom do relogio dava com grande consciencia o seu meio dia; a cujo som os ouvintes alimpavam os pés á conversação: alce Deus sua ira! Então começava o diabo do charlatão a converter sua eloquencia contra o relogio, affirmando que não eram as onze, e que tal relogio merecia queimado, e cortada a mão que cuidava d'elle, e que por isso o mundo andava tão ajustado, porque a gente se governava por tal folle de mentiras. Finalmente choviam os oprobrios, que o triste relogio ouvia e callava a troco de fazer o que devia. Pois uns felpudos desalmados d'estes, que acodem ás egrejas ao domingo por cumprimento, se em vez da missa, que não ouviam, ouviam então dar uma ou duas horas, livre-nos nosso senhor; ahi vos digo eu era ella; não faltava mais que apedrejal-o!

Rel. da aldeia. Amigo, não vos canceis, que se não póde já ser relogio; e posto que outro inconveniente não houvera, que esse de estar sugeito um relogio de bem ao não quererem crêr patifes, bastava para que cada um de nós fosse buscar outra vida como eu estou resoluto a fazer: cançado officio temos, julgar aquelles de quem havemos de ser julgados! Antes fôra caveira, que relogio, se na minha mão estivera a faculdade de poder tomar officio. Mas sobre tudo

admirado me tem essa vossa relação; e como sahistes da demanda?

Rel. da cidade. Ainda agora lá estivera, e fôra muito por minha vontade, porque sem duvida tenho mão para bargantes, e alli fazia das minhas.

Achava-me gordo, nédio, luzente e untado, porque isto de fallar cada um á sua vontade, é mais sadio que gallinha cozida. Foi o diabo metter na cabeça aos architectos da côrte que se mudasse o relogio a parte d'onde melhor se visse e mais soasse. Mas o caso era, que os architectos queriam obras para si, ainda que para os outros fossem de misericordia, assim foi feito, e como o mestre relojoeiro tal entendesse, antes de ser colhido na trapaça, foi, e apeou-me, quando eu estava no melhor de meu mundo. Desfez a troca, tornando cada um á sua antiga casa. Porém é para notar que eu, que até então sendo relogio da côrte me via tão bemquisto de verdadeiro, em tornando a ser relogio das Chagas, logo fui tido pela mesma fraudo e mentira. Succedendo-lhe ao revez ao relogio da côrte, que em subindo a seu campanario, ficou tão aceito, como sendo relogio das Chagas era murmurado. Sendo assim, que nós já de arrependidos, haviamos trocado os humores e os propositos: porque o relogio da côrte, vendo que nas Chagas lhe não valiam suas verdades, deu em mentiroso, por se vestir da libré do tempo, e eu desenganado de seus applausos, vendo-me velho e com os pés para a cova, comecei a fallar verdade: mas a nenhum de nós poude ser bom seu pensamento, indo sempre ambos correndo o trocado; eu desmentido das minhas verdades, elle applaudido pelas suas mentiras.

Rel. da aldeia. Não se desconsole v. m. que essas são as justiças do mundo, onde ha dias (como v. m. melhor sabe) que ninguem vale pelo que é, se não

pelo logar em que o vemos; até no ceo (ouvi já aos astrologos da minha aldeia) são os planetas bons e maus, segundo o logar em que se acham; e o que de si é bom, posto em ruim parte influe nocivamente. Ao contrario, tambem quando o mau se acha em logar bom, despede (se não benignos) moderados os influxos. Para que é mais? Os mesmos numeros da arithmetica, que é a propria verdade do mundo, valem segundo estão, quero dizer, que tem o valor conforme o logar, porque se virdes um quatro com tres figuras atraz de si valerá quatro mil réis, e se elle detraz de todas essas figuras valerá quatro reis.

Rel. da cidade. Si: grande cousa é, que as figuras vão atraz, ou diante! Figuras de muito má figura conhecia eu, que as vi já andar atraz de outras muitas figuras, e valiam então tão pouco como se não fossem nada, e hoje mudaram o valor, o estado, e a figura, porque se vêem diante de muitas figuras, ou adiantadas a outras: mas o que me conforta é que por isso são figuras. Adverti, que já n'este sentido, de que nenhum dos caracteres da arithmetica tem valor proprio, a uns chamam figuras, e a outros cifras; d'onde se nota, que nenhum d'elles é cousa, se não representação de cousa; figura e cifra de alguma cousa: esta differença sabeis que vae de figuras a pessoas. As pessoas sempre representam o que são, e as figuras como não são nada, nunca tem outro valor, salvo o que os homens lhes constituem, que hoje lh'o dão, ámanhã lh'o tiram. De modo, que quem lh'o concedeu, lh'o póde negar; e a figura que hoje representa muito, ámanhã representa pouco. Mas então eu que estou de fóra, se tenho os pezos, ou o juizo em seu logar, soffro que a figura represente sua valia e sua grandeza, emquanto lh'o deixam, e depois olho-a, e vejo-a ficar em aquillo mesmo, que d'antes era, e ás

vezes menos, e não é nada. Com esta satisfação que o tempo me dá, passa a raiva e a inveja, sem inveja nem raiva muito quietamente.

Rel. da aldeia. Esse é o siso, e tudo o mais é ser escudeiro de Fernam da Acha.

Rel. da cidade. No tempo dos ultimos reis de Portugal, houve cá um valido muito discreto; (como era bem que todos o fossem) recebia este notaveis cortezias de outro tal pretendente: foi despachado como quiz, e nunca mais viu ao valido, nem lhe tirou o chapéo. Toparam-se um dia na rua Nova da Palma, que é longa e estreita e sem travessa; um vinha, outro ia; tanto que o requerente, ou despachado, viu o valido, voltou o cavallo; o valido apressou o seu; o requerente trotou, trotou o valido tambem; elle correu, correu o valido do mesmo modo; e dizia gritando: parae senhor fulano, e dizei-me se é isto verdade? O requerente sem parar lhe dizia correndo, sim senhor, isso agora é verdade, que o passado era mentira. Já cuidei certo á vista d'este e de maiores exemplos, que com grande providencia permitte Deus haja entre os homens estes enganos, ordenando que assim como os ministros se fazem aos olhos do mundo aquelles que não são, assim os lisongeiros se façam aquelles que não são aos olhos dos ministros; para que depois desfeita no vestuario do tempo esta farça, em que todos andam, se não achem enganados uns, nem outros.

Pois se os grandes mostram que não são aquelles que se fingiam, vejam tambem que nem os pequenos são aquelles que se lhe mostravam; e assim estes, e aquelles (como comediantes) cada qual em seus trajes naturaes, se recolham a sua casa propria, que vem a ser a sepultura, d'onde cada qual vae então só com o cabedal que lhe deu a natureza, despindo os faus-

tos e as tramoias, com que para representarem suas figuras os adornou a ambição ou a soberba.

Rel. da aldeia. Dias ha que eu conheço, que muitos se queixam do mundo, quando lhe vem fazer algumas rapazias, porque não tem paciencia para esperarem a vêr como as desfaz. Porque elle não é como o escudeiro da minha terra, mordomo de todas as festas, que nunca pagava: por onde diziam já d'elle os fuliões da Arruda, que assim desfizera o senhor fulano as festas, como elle as fazia! Este nosso mundo não tem certa essa ruim manha, nem nós com verdade podemos ter d'elle essa queixa; porque se bem as faz, melhor as desfaz.

Rel. da cidade. Olha, no cabo do anno, ditosos e mofinos todos ficam eguaes; para todos houve verão e inverno, frio e calma; e assim ou assim, jantar e ceia: os prosperos e desgraçados comparo eu com os velhos e os moços por uma ladeira acima; os moços porque são de ordinario sãos, ageis e robustos, sobem de um folego, os velhos fracos, pezados e doentes (como costumam ser) vão de vagar, assentam-se em uma parte, descançam em outra, e em fim lá sobem tambem como os moços. O anno é esta calçada larga e longa, e aspera de passar; os poderosos são os mancebos, os pobres são os velhos, mas todos mais ou menos cançados chegam ao fim do anno, ao termo e cume d'esta costa. E porque eu isto creio, como considero, acho cousa indigna de homem prudente (quanto mais christão) que só afim de levar este passo um pouco mais apressado e ligeiro, façam os mortaes tantos excessos, que querendo voar (por onde basta ir andando) venham a resvalar e precipitar-se. Digo-vos, se fôra homem, como sou relogio, que no tempo de hoje mais houvera de fazer por ser menos, que por ser mais do que Deos me fizera. O tempo é touro

bravo, e em tomando nos cornos um peccador, se elle por si se não faz morto, o mesmo touro o mata; se cozendo-se com a terra não bolle, nem se deffende, passa por elle e o deixa as mais vezes são e salvo.

Rel. da aldeia. Lembra-me agora por isso que ides dizendo, o que lhe vi succeder a um cagado com uma aguia, lá em certa lagoa da minha aldeia; veiu a aguia, e de repente o levantou nas unhas, não com pequena inveja das rãs, e de outros cagados que o viam ir subindo, vendo-se elles ficar tão inferiores a seu parceiro; julgavam por gram fartuna, que um animal tão para pouco fosse assim sublimado á vista de seus eguaes, e que a mais nobre das aves, e rei dos passaros, o levasse no collo tão honradamente; seguimol-o com os olhos, todos de emulação, eu só por curiosidade, porque seu vôo me não competia. Quando n'isto, eis que vemos que retirada a aguia com sua preza a uma serra, não fazia mais que levantar o triste animal, e deixal-o cahir nas pedras vivas, até que quebrando-lhe as conchas com que se deffendia, deu um pequeno almoço á aguia faminta e atraiçoada.

Rel. da cidade. A fortuna é muito d'isso, tem o costume dos abbades, engordam as gallinhas e cevam os leitões muito de seu vagar, e matam primeiro o que está mais gordo: a rez mais bem medrada, é a que faz maiores cocegas ao cutello do carniceiro, e ainda da criança mais bem criada dizem as velhas (que sabem d'isso,) está mais atreita ao máo olhado. Se pudera escolher a minha sorte, nunca morara em grimpa.

Rel. da aldeia. Esse juizo não é seguro, em os que como nós estão apeados, por aquella regra de mouro, o que não podes haver, etc. Romaria que se prometteu correndo tormenta, jámais se cumpriu. Doente que fez proposito de não comer nunca do manjar por-

que perdeu a saude, sempre foi d'elle mais goloso em se vendo são.

Rel. da cidade. Dir-vos-hei, todos somos relogios, e sabemos que não ha cousa que não tenha sua hora no mundo; o rir, o chorar, o trabalho, o descanço, a fome, e a fartura, tudo tem sua hora; d'onde procede que não é fóra de razão, que os homens tratem talvez de seu commodo, e tal de seu aproveitamento; pois é certo, que para se regerem e se dirigirem a bons fins e a termos uteis, lhes deu Deus entendimento, que negou ás alimarias, a quem deu menos, porque d'ellas não quiz receber tanto; mas com tudo já se sabe que é demasiada fanforrice, que o ditoso não queira alguma hora ser mofino, persuadido de que as boas andanças são morgado que haja de andar em sua familia para sempre, sem que se possa perder nem alhear. Por isso se diz vulgarmente, que tudo tem sua hora.

Rel. da aldeia. Não quizera eu ser al de menos o relogio, que tal hora lhe désse.

Rel. da cidade. Mas accrescento, que do mesmo modo é captiva desconfiança cuidar o miseravel que já nunca mais póde haver para elle uma hora de ditoso.

Rel. da aldeia. Vêdes vós? Pois se olhamos bem a causa, nenhum d'elles tem grande culpa, (a meu juizo) porque por essa propria rasão, que a uns lhes dura muito a dita, e a outros a desgraça, não ha quem os despeça de sua larga companhia; aquelles não se conformam com que lhes falte a envelhecida prosperidade com que se criaram: e estes não podem crêr se lhes mude a continua miseria que os perseguia sempre.

Rel. da cidade. Enganam-se todos; e a rasão é porque cada qual não conhece a origem dos males e

dos bens, e cuidam que são firmes, a modo da mulher, que por não tratar outro homem entendia que todos tinham pessimo bafo, como seu marido. A fortuna melhor engenheira que o Cósmandér, costuma fazer o que fazia um cerieiro do meu bairro, d'estes que fabricam tarjas de cera para egrejas: estava-o eu vendo trabalhar em um eirado, que frizava muito com a minha torre, e notava de meu vagar a facilidade com que o bom do meu visinho derretia os anjos, e fazia d'elles carrancas; e outras vezes tornava as serpentes em flôres, até que alguma hora cançado de brincos, reduzia anjos, carrancas, flôres e serpentes a tochas que ardiam até os cotos, e lá ia tudo. Tende por certo, que entre os homens o mesmo succede cada dia; não se enforque o despresado, nem o presado se engripone, que para todos virá seu S. Martinho. Lembra-me ouvir contar no meu adro a certo velhustro, que n'elle era muito continuo...

Rel. da aldeia. Chamava-o a campa.

Rel. da cidade. Que lá não sei aonde era, uma vez uma peça de panno azul, que por não servir para bodas nem mortuarios, havia mil annos que estava na tenda, porque os noivos o achavam triste para librés, e ledo os enojados para capuzes. Pois succedeu que passou por alli um rei com um tabardo da mesma côr, não quizeram mais os visinhos do lugar que amanhecer em casa do chatim a levar o panno ás punhadas, depois de mui bem ruido da traça, por muito mais do que valera em novo. Estae seguro, de que não ha coisa n'este mundo tão abatida, que alguma hora se não veja levantada. A roda que se lhe pinta á fortuna deve de ser de engenho de nora, aonde os homens são alcatruzes, uns cheios, outros vazios, uns no fundo, outros no alto.

Rel. da aldeia. Melhor estou eu com a historia do

panno azul, que com a comparação do cerieiro; porque, que lhe falta á gente se fosse de cera? De ahi (má hora) vem o ordinario descontentamento em que todos andam por se verem ser de um metal, que quebrado e desfeito não presta para mais nada; essa é a lida commua, que por mais que o vaso mau nunca quebra, não ha vasilha nenhuma d'estas que se não tenha por boa, e que não tema que o uzo a despedace e feneça, para nunca mais ser soldada.

Rel. da cidade. Em vão se cansam e se deffendem, que isso, depois de Deus, está nas nossas mãos, ou das horas, nossas filhas! Que lhe importa a dona fulana ser toda uma taboleta de ourives, testa de prata, cabellos de ouro, olhos de esmeraldas, faces de perolas, boca de rubins, dentes de aljofar, collo de crystal? Pois em se descuidando, talvez com a edade, lhe chega sua hora de velhice, contra quem não valem todos os estofos e badulaques que inventou a vaidade e a incontinencia. Porque a prata se marea, o ouro se denigre, as esmeraldas embaçam, as perolas desmaiam, os rubins descoram, o aljofar se perde, o crystal estalla, e tudo muda, não só a fórma, mas a sustancia do que era.

Rel. da aldeia. Essa foi a rasão, porque a outra formosa fazia concerto com a morte, promettendo de se lhe entregar cada vez que a chamasse, com tanto que a deffenderia do tempo, que a não envelhecesse.

Rel. da cidade. Eis ahi o maior engano dos mortaes, porque a velhice é uma piedosa estalagem, que Deus poz entre a morte e a gentileza, brio, esforço, e saude; se entre o inverno e o verão, não houvesse de uma banda o outomno, e da outra a primavera, quem podera viver passando desordenada e subitamente das calmas aos frios, e dos frios ás calmas? Se entre o dia e a noite não houvera um e outro cre-

pusculo, que vista se averiguára com as luzes, ou com as sombras, passando intempestivamente da claridade ás trevas, e das trevas á claridade? Da mesma maneira, e ainda muito mais necessaria interpoz a providencia, a velhice entre a vida e a morte, para que alli se domasse a furia dos affectos, e deminuisse a subgidão do amor da vida, e o homem fosse perdendo o receio á morte pela conversação dos achaques e companhia dos accidentes proprios da velhice. Senão dizei-me, quem poderia apartar-se liberalmente das felicidades humanas, em meio d'ellas, se ainda depois de gosadas, e depois de perdidas, custa tanta dôr seu apartamento? Vem então a velhice, a melancolia e o quebranto, de que procede o aborrecimento de todas essas cousas que se prezam, e faz com que os homens se despeçam da vida, não só com conformidade, mas alguma vez com alvoroço. D'onde se viu que muitos sabios requestaram a hora da morte, e alguns da gentilidade barbaramente a anteciparam, por se verem livres da penalidade da vida.

Rel. da aldeia. D'esses devia de ser um desmanchado, que dizendo-lhe os medicos que morria, lhes respondeu: ora folgo, por me não andar a vestir e a despir todos os dias.

Rel. da cidade. Parece que se houve Deus com os homens, como as mães com as creanças que querem desmamar; untam-lhe a teta com azebre, e logo que lhe toca o beiço da creatura, e gosta o sabor amargoso, já toma antojo ao leite, que por tão suave alimento até então recebia. Fazei conta que a velhice faz este proprio officio, e vêde agora se foi castigo ou mercê anteceder á morte a velhice; ou se seria melhor enganar a gente com a louçania da mocidade até a entregar nas mãos do fim, duro, pezado e incerto?

Rel. da aldeia. Pelo menos grande alivio é para nós

o sabermos, sem duvida, que cada cousa por nobre e altiva que seja, tem sua hora, como vamos averiguando, e que corre por conta de nosso officio, e dentro de nossa jurisdição o sermos executores da taxa que Deus pôz á ventura e á desgraça, á vida e á morte de cada qual.

Rel. da cidade. Muitas vezes me assombro, só em cuidar que está o principe repousado nos seus colchões de brandissima penna, guardado dos seus paramentos de finissima grã, com um somno tão quieto, como se o relogio de sua sala lhe não estivesse contando e descontando os proprios alentos que respira, sem lhe querer relevar o menor intervallo, de que na vida lhe não faça desconto, e que lhe não valha o ser rei sabio e imperador potente, nem para mandar prender o curso do relogio, porque se o relogio pára, o tempo não pára. E, finalmente, se lhe não dará de prazo ou espera um só instante, além d'aquelle que lhe está assignado no livro da vida, que se guarda na Torre do Tombo do alto do céo, do qual não ha appellação nem aggravo! Certo vos digo, que se os grandes e os pequenos isto consideraram como convém, que em vez do desprezo com que nos tratam, podiam amar-nos pelos mais fieis amigos e servidores, dos quaes sempre vão recebendo o aviso mais importante que ha na vida, pois em estando a hora determinada lá em cima, o mesmo é dar um de nós a hora, que dar a contrasenha á morte ou á fortuna, para que se cheguem e façam sua execução.

Rel. da aldeia. Bom é saber, e por mais que se riam de nós (como dizeis), ninguem vos tire a sciencia que sois relogio velho da cidade, por quem havendo passado muitas horas, é força que hajam passado muitos dias, semanas, mezes e annos, que são os bancos da escola da experiencia.

Rel. da cidade. Com palavrinhas doces me ides deshonrando de caduco, pois sobre me haverdes ouvido toda esta prégação dos bens da velhice, sabei de certo, companheiro, que a fructa das horas, é melhor para dar, que para ter; muito hei visto, e se vos servem algumas das minhas observações ou desenganos, pedi, que aqui me tendes.

Rel. da aldeia. Dizia eu agora (já que nós podemos tanto) se lhe seria a um de nós permittido que fosse ou não fosse chegada a sua hora, dar-lhe com a hora nos focinhos a um enfadonho, e chafurda-lo? Porque se tal fôsse, era melhor ser relogio que conego de S. Thomé.

Rel. da cidade. Já vos disse, que o fim das cousas era cousa das telhas para cima, e que em nossa mão não está mais que apontar e dar o signal aos executores que o céo tem na terra, para que façam sua vontade; mas não ha duvida que succedem cousas graciosas, e que parecem feitas acinte, n'isto da hora de cada um. Que me dizeis ao outro velho rico e encartado, andar muitos annos sem querer dotar a uma sobrinha, no cabo escolhe-la para mulher, entregar-lhe quanto ganhou, chegar-lhe a dispensação de Roma, e morrer elle ao outro dia?

Rel. da aldeia. Por Deus, tal hora teve bom gosto.

Rel. da cidade. E o tacanho adulador, que no fim de mil tempos de servidão alcançou o officio por maus meios, do qual indo tomar posse, lhe resvalou um pé á mulla, e dá com o velhaco no rio, não presta?

Rel. da aldeia. Merecia tal hora engastoada em ouro.

Rel. da cidade. E o mau ministro, que depois de enganar ao rei todo o tempo de sua vida, quando lhe mette (entre outras) a provisão falsa, em que lhe faça

mercê da commenda alheia, el-rei lh'a concede, e dá com elle ao pé do Pelourinho, não vale nada esta hora?

Rel. da aldeia. Oxalá d'essas horas houvera todas as que são necessarias!

Rel. da cidade. Pois aonde as dão as tomam, como dizem, e cada qual se desengane sem se fiar nas faltas de seu relogio, porque alguns ha que não cursam com estrondo, e são como as serpentes, que velam sem os olhos abertos, cuidam os descuidados, que para elles não corre o tempo nem as horas fazem seu officio, só porque não ouvem o relogio da vesinhanças, e elle lá por baixo da capa lhes vae fazendo as culpas summarias, até que chegada a hora em que sua liberalidade fez termo, eis que vem subitamente sobre elle o castigo, leva-o o peccado, e o relogio fica muito seguro no seu campanario.

Rel. da aldeia. Ora d'ahi vem que das cousas que ha no mundo mais falladas, são as horas, porque não ha cousa na bocca dos homens tão frequente, como em boa hora, e má hora; hi-de com as horas más, vinde com as boas horas; uma hora muito formosa; nas horas de Deus; logo n'essas horas; as horas peremptorias, as horas successivas, são horas, a que horas, a deshoras, fóra de horas, e outros mil modos de dizer; como se a gente em nenhuma outra cousa, que nas horas, empregasse o sentido. Até os mathematicos dizem que chamam horas planetarias, até os phisicos, criticas, e até os poetas lhes chamam vermelhas, e mulheres ha que lhes chamam negras.

Rel. da cidade. As côres das horas lhes dão os successos, como já foi costume de alguma gente antiga, que aos dias alegres e ditosos contavam com pedras brancas, e aos tristes e desgraçados com pedras negras; como ainda hoje nas conferencias se usa da côr

das favas, e por encobrir a dos corações para dizer sim, ou não, tendo as brancas por affirmativa, e por negativa as negras. Porém nós todos as ministramos de uma propria côr. A superstição dos homens lh'as pinta como quer, porque não contentes de serem tintureiros dos affectos, o querem tambem ser das horas, e cada um as tinge á sua vontade, mas isso não lhes vale.

Rel. da aldeia. Estou satisfeito n'esta parte, porém como quereis que entenda isto que dizem, horas minguadas? Porque já me teve este ponto tão escrupuloso, que porque me prezo de liberal, a troco de que as minhas horas nunca fossem horas minguadas, muitas vezes me succedeu que em lugar de dar uma e duas, dava vinte e trinta.

Rel. da cidade. Isso são termos sem cunhos nem cruzes, que se andam mettendo de gorra nas conversações com pés de lã, como sevandijas em casa de jogo; por onde toda a pessoa polida deve fugir que entre o grão limpo das palavras boas, honestas e significativas se intrometta a ervilhaca e joio d'esses annexins, proprios de regateiras; mas nada do que digo abate a honra da memoria, e nome de nossas horas, vendo que a egreja não só santa, mas sapiente, em muitas partes faz estimação das horas de sua significação e de seu nome. Assim vemos cada dia n'ella celebradas as sete horas canonicas: assim vemos fazer lembrança da hora do nascimento e da morte dos justos, e ainda dos peccadores, e assim ouvimos (como eu muitas vezes dou fé, que ouvi na minha egreja) que Christo nosso Senhor, e por elle seu sagrado chronista, chamou hora sua a hora da sua morte.

Rel. da aldeia. O mesmo ouvi eu, e creio; mas nunca achei quem me declarasse a razão, se vós (porque de tudo entendeis) alguma cousa ouvistes já a algum pre-

gador que a dissesse, correi pela memoria, e dizei a causa d'este mysterio.

Rel. da cidade. Cada anno m'o declaravam a mim, e aos mais ouvintes, os varões apostolicos, segundo o sentido moral, mystico e devoto, que cada um seguia; mas o que melhor me pareceu, foi o que ouvi ha muitos annos bem longe d'aqui, e me lembrará para sempre.

Rel. da aldeia. E como era?

Rel. da cidade. Os homens, segundo temos discorrido, são soffregos das horas da vida; reservam todas para si, afim de as dispenderem vãomente em seus passatempos: e porque gastam e tomam por sua conta todas as horas da vida, só querem dar a Deus as horas da sua morte. Por esta causa quando nos mais distrahidos lhes morde no peito aquella saudavel aranha da consciencia, sempre lhes ouvimos offerecer a Deus a hora da sua morte. Mas Christo, como sacrificou a seu Pae eterno todas as horas da sua vida, por isso mesmo recebeu do Padre aquella hora da morte para si sómente, e lhe chamou hora sua; como por elle disse o evangelista S. João: em a qual hora morreu tanto por sua propria vontade, que a essa mesma hora da sua morte, chamou em sua vida hora sua; mas isto baste de mandato, e sirva de maior realce ao officio e nome das horas, confessar um tal chronista, como S. João, que tambem Christo teve sua hora, notificando-a por tal a todos os viventes, para que não haja algum tão impacinte, que desespere de saber a infalibilidade da hora, que o está esperando, como hora sua.

Rel. da aldeia. Muito me alegraste com tão alto discurso; certo que não sabia que eramos capazes de fiar tão delgado. Eu sou relogio christão, e louvo a Deus por tão grande mercê; porque ainda que não vivo (como vós) das portas a dentro da egreja, sempre lhe

fui affeiçoado, e por parte dos metaes ainda sou parente muito proximo dos sinos da minha freguezia. Se todos já como eu se acharam tão bem instruidos no que lhes convém, nenhum duvidára ou se esquecêra da hora, qne para qualquer está guardada.

Rel. da cidade. Até um livro me dizem sahiu agora, que chamam Hora de todos: que com galanteria digna do seu author se esmera muito em provar com discursos e exemplos esta verdade.

Rel. da aldeia. Não sei se aproveitará; porque esse livro lêem os homens desde o principio do mundo, sem que acabem de o crêr, segundo obram diversamente do que se podia esperar de seu credito e de sua doutrina.

Rel. da cidade. Contra esse descuido bradaram os sabios e os santos, aos mais valeu pouco. Da mesma sorte nos succede, porque desde que somos relogios, damos horas, sendo esta já mais perto da hora que a cada qual o está esperando, que as outras passadas; da mesma maneira ouve agora estas horas e as esquece, como lhe esqueceram aquellas que ouviu e passaram. Pois em verdade que este estatuto da hora de todos e de tudo, deve ser tão pontualmente observado, que não ha entre a gente mais pezada turbulencia que seu esquecimento, d'onde procede trocarem os homens as horas com as mais cousas; e d'esta troca nascem todos os desconcertos do mundo, que em nossa mão não está podermos remediar. Porque considerae vós agora, se um homem bailasse á hora de comer, comesse á hora de dormir, dormisse á hora de negociar, e negociasse á hora de descançar, se se puzesse ao sol á hora de sesta, e se á sombra á hora do soalheiro; se andasse á hora de estar parado, e se parasse á hora de ir caminhando, vêde que tal seria sua vida, sua saude e seus negocios?

Rel. da aldeia. Estou tanto da vossa parte, n'esta parte, que se me ha posto nos cascos que os maiores desmanchos do tempo provem de se não fazerem as cousas a suas horas!

Rel. da cidade. Valha-me ora Deus; que vos estava eu dizendo se não isso? Se a náo partir para a India á sua hora, e á sua hora fôr esperar a armada, a náo chegará em boa hora a Gôa e a boas horas nos entrará pela barra dentro, dando-me a mim bem que fazer nos repiques dos meus sinos esse dia. Do mesmo modo se o exercito fôr pago á sua hora, poderá o soldado comer e servir a suas horas, sahir e recolher-se da campanha a suas horas: mas, que será se tudo isso fôr ao revés? Pois que direi se a justiça se fizer á sua hora e a mercê á sua hora? A justiça, parecerá bem, e a mercê melhor. Mas se a justiça se faz ante tempo e fóra de horas, e a mercê fóra de tempo e a deshoras, nem a justiça escarmenta como justiça, nem a mercê obriga como mercê; parecendo a primeira que é effeito da paixão, e não de zêlo, e a segunda, fructo do negocio, e não da magnificencia. Fazei conta que um rei mande por seu gosto, que cada um official deixe a sua tenda, cada morador a sua casa, e se metta, mande, e obre na de seu vizinho. Dizei-me, haveria maior confusão em uma republica, por mais que os tristes de nós outros relogios estivessemos a medir, a compassar e estremar o tempo, por vêr se podiamos reger, ou encobrir tamanha doidice? Porque, olhae, não vale a desculpa, que muitos dão, de que se não poderam fazer as cousas grandes logo em suas horas, e que por isso se fazem nas horas proximas, que é quando podem ser: tambem alli vive o bate folha junto ao sapateiro, por ventura, porque se não se intermette algum vizinho em meio, trabalhará bem o bate folha no officio de fazer sapatos, ou o sapateiro na arte de amas-

sar pães de ouro? Por menos mal tivera deixar de fazer as cousas, que faze-las fóra de suas horas. A sangria é saudavel na crescença do dia e logo mortal pela sésta; o mesmo ferro agudo dá vida na hora que abre a posthema, e mata na hora que dá a estocada: as faltas da impossibilidade são mais desculpaveis que da malicia; ou sempre aquellas o são, e estas nunca. A ninguem se póde com razão pedir conta do que não póde obrar, e ninguem a poderá dar boa do que não quiz, ou soube fazer, tendo o cargo de saber e querer obrar aquillo de que lhe pedem conta.

Rel. da aldeia. Certo que ainda que esta vinda me não importara mais que ouvir-vos, eu dera por ditosos os aleives que cá me trouxeram, quanto mais que eu não sahirei d'aqui sómente advertido, mas concertado para sempre, pois de hoje por diante já sei como hei-de ser relogio, que até agora não sabia.

Rel. da cidade. Dizei o que ha em vós mas não o que ha em mim; que assim tão mestre como me reputaes, e tão pratico como entendeis que sou, de nenhuma outra cousa cá sirvo na cidade, senão de escarnio e jogo da gente; sou o alvo da perseguição, e o negro da zombaria; e tantas são as pedradas que me tem tirado gentes a quem eu o não mereço, que ás vezes me recolho e não dou as horas que havia de dar, só porque não lembre a ninguem, nem saibam estes rapazes (que agora se costumam) d'onde me tem para me apedrejarem.

Rel. da aldeia. Não entendo dos uzos da côrte, nem quizera saber d'elles; mas dizei-me, virá isso (por ventura) de que os mais relogios da terra andem tão atilados, que vós em sua comparação monteis deslustrosa, ou desaproveitadamente? Conforme ao que me dizeis estou agora crendo que nos mais relogios se não achará um pequeuo erro, nem um leve descuido.

Rel. da cidade. Senhor relogiò de Bellas, crêde que vos fallo verdade, que já mais andei de amores com o meu merecimento. Tende, amigo, por certo, que assim como todos os homens são de barro, todos os relogios são de ferro, e que sem embargo dos matizes e tauxias, de que n'este tempo se adornam, todos somos sugeitos ao mugre e á ferrugem. Gastam-se-nos com o uzo as molas, quebram-se-nos os dentes com o exercicio; as cordas nos afrouxam com a continuação, e no cabo não ha nenhum de nós que não dê seu par de badaladas.

Rel. da aldeia. Que mais claro se póde vêr, que na historia que me contastes d'aquelles dois relogios tão principaes do cabido e da côrte?

Rel. da cidade. Tende ora mão no martello, e tomae um refolgo aos pezos, porque parece que ouço gente abrir essas portas.

Rel. da aldeia. Assim é: bem aviados estamos se nos ouviram!

Rel. da cidade. Não façaes caso d'isso, que os relogios do chão ninguem os escuta; porém sem duvida é o serralheiro que nos vem concertar; sus, callemos.

Rel. da aldeia. Pois adeus, amigo.

Rel. da cidade. Adeus, e uma só cousa te peço que leves para casa: soffre como bom, não só que te concertem os erros, mas os mesmos acertos, porque por ahi hão-de começar a emendar-te, que é manha dos mestres d'agora, e então depois de lhe deixares fazer em ti (a bello prazer) toda a sua vontade, toma as de Villa Diogo para a tua villa.

Rel. da aldeia. Assim determino fazel-o, porque segundo o que ouço, e tenho experimentado na primeira jornada, de Marrocos por Marrocos, melhor é campo que a cidade.

Rel. da cidade. Vae-te em boa hora com as tuas horas, e leva crido que não ha relogio, por mais alto que elle viva, que por se forrar de sobresaltos e ingratidões, se não fôra antes ser badallo nas choupanas de Porto de Mugem, ou sino de cortiça na charneca de Monte Argil; mas não digas que eu t'o disse, ouves-me?

FINIS LAUS DEO.

Quare

ESCRIPTORIO AVARENTO

APOLLOGO DIALOGAL

SEGUNDO

FAZEM INTERLOCUÇÃO

Um Portuguez fino, um Dobrão Castelhano, um Cruzado moderno e um Vintem Navarro

A

NUNO DA CUNHA DE EÇA

Conego Magistral da Sé de Lisboa

POR

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO

DEDICATORIA

PORQUE nada lhe faltasse ao dinheiro já lhe não faltava mais que fallar: antes se contentou com a voz dos effeitos; mas agora despreza os effeitos sem as palavras, ou os troca por ellas. Deus nos valha, senhor, com tal inimigo, pois se quando mudo leva a melhor de todos, eloquente, que será de nós? Comtudo se mais attento considerarmos quando foi callado, acharemos que nunca. Porque quem se viu jámais tão eloquente, que Demosthenes? E persuadiu tão bem como elle. Quem que Quintilliano? E orou tão suave como elle. Digamos logo que não é d'agora fallar o dinheiro, nem d'agora o ser ouvido; mas que o confessamos nós ainda agora. Essa consideração, que apesar dos estoicos, não sei se como lastima ou inveja, occupou muitos tempos meu juizo, quasi violento me arrebatou, não só a conhecer, mas a ponderar as verdades ou mentiras que em si esconde, os damnos ou commodos d'esta abusão que anda entre os homens, a que chamam riqueza.

E porque o preço de tão grande materia (pois é cousa que mais preço tem no mundo) requeria um

estylo excellente, da minha penna já muito alheio e muito mais quando vos escrevo, visto que a amisade aborrece o artificio, foi necessario, pois era forçoso trasladar n'este papel aquellas idéas que me opprimiam, que em seu lugar uzasse d'este nosso modo familiar, amigo e intelligivel, para que por meio da clareza e confiança possam ficar seus descuidos desculpados.

Porque da mesma sorte que quem apresentar uma rica joia, não curará de que a caixa seja ou não de alto preço, e ao contrario quem de algum baixo material faz seu presente, se desvella pelo aceio e magestade da vasilha; nem mais nem menos, estas minhas observações tem a ouzadia de se mostrarem diante de vós envoltas em commua eloquencia, certificando-se pelo que são, não pelo que parecem, lhes façaes bom agazalho.

Nunca a formusura é mais lustrosa, que ao tempo que sem adornos se nos offerece. O maior valor despede as armas na batalha; e por isso a minha idéa (ainda desordenada) entende que vae composta. Além de que, os esmaltes da erudição que lhe faltam, vós lh'os sabereis dar na emenda que lhe fizerdes: deixando assim rica a obra, seu protector afamado, seu auctor agradecido.

O engenho humano, como os proprios humanos, necessita de alguma variedade para que produza obras convenientes. Eu, que ha muitos annos tinha o bofete por banco, e a penna por remo, confesso-vos amigo, que ás vezes de affligido e desesperado largo a redea do pensamento ao pescoço da furia, que arrastando me leva por onde quer, mas quando menos forçado por meus perigosos desvios.

Achava-me a este tempo escrevendo (em beneficio da patria) uma materia grave, e por isso melancholi-

ca; quiz minha sorte que estes proprios dias me faltassem alguns documentos competentes ao sugeito da obra; e porque emquanto trabalhavam outros para ajunta-los, eu ficava ocioso, (que é para mim um genero de descanço muito mais sensivel que o mesmo trabalho, a que serve de alivio!) busquei modo para no entretanto desafogar o engenho, ou diverti-lo em mais aprasivel occupação; porque haveis de saber, amigo, que o nosso entendimento é como a teta da mulher que cria, a qual se a miudo a não despejam d'aquelle humor que está produzindo, em vez de se poupar, se corrompe.

Por esta causa, no meio de enfadamentos (taes e tantos como padeço) vereis que me entrego a obras similhantes, cuja differença e desegualdade das ordinarias, são os maiores incentivos para elege-las.

Ainda que esta não julgo por mim, tão pouco a estimo por tão boa, que peça a vejaes com toda a attenção que os maiores estudos vos merecem. Porém se quer ouçaes esta nova porfia, como ouvis quiçá outras que vos serão mais molestas; o que esta vos não será nunca, porque se acaba (fazei conta) uma hora antes que vos falte o gosto de a proseguirdes. Deus vos guarde. Bahia, em 13 de novembro de 1655.

D. A.

D. F. M. M.

INTERLOCUTORES

I Portuguez—II Dobrão—III Cruzado—IV Vintem

PORTUG. Já vos disse (senhores meus) como era portuguez, nado e creado na casa da moeda de Lisboa: e haverá hoje isto! Sim haverá melhor de 150 annos; comtudo, meus avoengos lá vieram de Africa, mas eu (pela graça de Deus) de ser velho me consolo, com ser christão velho, sem raça de judeu ou mouro, como o jura pela mesma cruz este habito de Christo que trago nos peitos, e que el-rei me mandou lançar no berço; tanto pela antiga nobreza de meus passados, (porque não ha veia de sangue mais real, que a veia do ouro) quanto pelos serviços que de mim esperava sua alteza, sendo certo que não tem os principes para todo o successo da guerra e paz creado de melhor lei, que o dinheiro d'esta nossa nação. Reinava por aquelle tempo em Castella D. Fernando o V, a quem (não sem injuria dos outros reis castelhanos) parece que deram em chamar catholico, o qual vendo-se abundante de ouro que o parvo de Colon á força lhe metteu em casa, mandou bater certa moeda de 25 reales de pezo, a que chamou castelhanos; correu com ella sua fama, e vindo ás orelhas do

nosso rei D. João o II, que não soffria cocegas na grandeza, disse: ora bem está, se em Castella ha castelhanos de tanto preço, eu mandarei fazer em Portugal portuguezes, que cada um valha por sete castelhanos. Seu dito, seu feito: lavraram-nos de ouro mais fino das minas de S. Jorge, e valemos sete vezes vinte e cinco reales, que isto somma em portuguez miudo sete mil réis; e logo sem outro apparato que esta cruz e estas quinas que trazemos ás costas, ella nos serve de espada e ellas de escudo, com que confiadamente atravessamos o universo bemquistos, bem hospedados, e melhor guardados das gentes (ainda mal que tanto!) o que eu sempre experimentei; até que por avessos casos vim a poder d'este rico avarento, onde como vós outros ha tantos annos que al não faço se não gemer e chorar minha triste sorte, pois ao tempo que mil moedinhas falsas de por ahi além occupam as mãos dos principes e os olhos do povo, eu (pobre de mim!) sendo ouro fino de vinte e quatro quilates, me vejo preso, inutil, e esquecido, sem ser visto dos homens que a necessidade me deu por creados, ou dos grandes, que a cubiça me destinou para amigos; nem emfim poder olhar a face do sol que me engendrou, passando miseravelmente a vida ferrolhado nas malditas masmorras d'estas gavetas, que vivo me servem de sepultura. Mas vós, que de lá me fallaes tão sentido, parece que em lingua estranha, segundo cá duvidosamente vos percebo, dizei-me ora quem sois e porque esquerdos fados viestes a ser n'esta escravidão meu companheiro?

Dobrão. Largo é o periodo de meus trabalhos, amigo portuguez; porque sem falta somos vindos ao mundo para instrumeuto d'elles, á maneira de martello na bigorna, que elle não dá maiores golpes dos que recebe. E' verdade que por nós padecem os homens

grandes damnos; mas os que nós padecemos por elles, não são pequenos. Finalmente eu, senhor Portuguez, sou o Dobrão Castelhano, tão conhecido e nomeado de todas as nações, entre quem vivo como natural de todas; d'onde procede meu enleio, sem que ao certo possa affirmar-vos se nasci em Sevilha ou em Segovia, (que annos e desgostos cançam não só a memoria, mas o juizo da gente!)

Portug. Assim é; porém agora, que melhor vos esforçastes para ser melhor ouvido, entendo que se vos não troca na boca a linguagem, que é (fallando em bom portuguez) parvoice a quem o finge, e desgraça a quem o padece.

Dobrão. Eu procurarei alentar-me emquanto dura a occasião de que nos alliviemos: mas (segundo creio) muito outra gente se mette na conversação.

Portug. Sim, será; porque é sem numero o numero dos mofinos.

Dobrão. Não estão longe, a meu vêr.

Cruzado. Perto e mui perto estamos, senhor portuguez.

Portug. Quem me nomeia aqui por meu nome, que é nova obrigação de lhe valer, segundo o livro do duello?

Cruzado. Um pobre cavalleiro africano do proprio habito de v. m.

Portug. Portuguez de nação?

Cruzado. Sim senhor; e nobre assaz; de linhagem moderna, mas illustre pessoa, e não devemos nada a ninguem.

Portug. Quanto por esse signal nunca tu és grande fidalgo: o vosso nome?

Cruzado. Cruzado me chamam.

Portug. Homem sois, que nunca vi em meu tempo, bem que já ouvi nomear-vos. Mas seja como fôr o

nome, a fortuna sobre o trage sobeja para nos fazer parentes; porque a similhança dos successos e dos humores, é pae e mãe das sympathias.

Cruzado. Em mim o experimento, sentindo uma interior sanguinidade com toda a desgraça; e não é a menor das que padeço, padecer as alheias como proprias.

Portug. Guardae-vos d'isso, que por tal disse já outro: ninguem se faça mel, que o lamberão; quem muito ha mister por si as lastimas, não as desperdice com quem lh'as não pede; que por isso eu já ouvi: (dizia um sabedor) homem que has de chorar muito, chora pouco; além de que, tempo, amor e dinheiro não se podem gastar, salvo com quem muito o mereça.

Cruzado. Sedo começaes a doutrinar-me, para que sinta mais quão tarde fui vosso discipulo.

Portug. A doutrina dos dias é vagarosa mas firme. A muitos chega primeiro o aviso que a experiencia, mas eu nunca me fiei de juizos maduros por arte, porque são como ameixas mózinhas, que a poder de vinagre vem á fouce antes de tempo, perdendo o gosto, formusura e saude de contado. Não sereis vós d'estes, porque tambem ha talentos tão ferteis, como parreiras de S. Thomé, que dão fructo duas vezes no anno.

Cruzado. Advertencias e lisonjas cabem peior em um saco, que honra e proveito; mudae de estylo, ou mudarei de lugar.

Portug. Seja embora, a troco de que me digaes quem é esse que lá se sorri ou rosna quando eu fallo?

Cruzado. Tenho aqui um velho meu creado, que me creou; homem d'aquelle bom tempo em que a pobreza não impedia o bom contentamento.

Portug. Como é a sua graça?

Vintem. Se por sua desgraça perguntareis, de vagar vos pudera satisfazer; mas por sua graça, logo! O meu nome (com perdão de v. m.) é Vintem Navarro.

Portug. Melhor nome tendes para douctor que para moeda.

Vintem. Vêdes isso? Pois dizia-me minha mãe: (Deus lhe perdoe) que me chamavam assim vintem, porque havia de valer por vinte, como quem diz: vinte tem.

Portug. Fadas de mãe, são como thesouro de moura encantada ou escondida; ao primeiro és, não és, eis carvão tudo.

Vintem. Menos sou eu que carvão, porque todo sou cinza por muito velho.

Portug. Não o pareceis na fala, que é subtil e tem um retimtim bem engraçado.

Vintem. Nunca esperei alcançar o verdadeiro conhecimento das cousas por aquelles que se podem fingir.

Portug. Logo ninguem será conhecido, pois todos vivemos simulados.

Vintem. Sim, póde ser; porque as obras são contrastes das intenções e pedra de tocar dos animos.

Portug. Dae-as, dae-as a Deus, porque ainda das obras me não fio, porque ha mais obras falsas que verdadeiras hoje no mundo; bem sei já que muita desconfiança é manha ruim e de villão ruim.

Vintem. As más dos nobres lh'as fizeram tão más a elles.

Cruzado. Para que é mais profia? Calla-te amigo Navarro, que o pouco dinheiro sempre foi mal ouvido.

Vintem. Por Deus, dir-vos-hei: muito e pouco tudo é um; e nenhum era bem fosse escutado porque suas

vozes são mais atraiçoadas que os ais dos lagartos do Nilo. Dizem que Alexandre injuriára algum dia a certo pirata, que com os remos de duas pobres barcas lhe açoutava o reino nas costas Macedonicas, ao que lhe respondeu o velhaco, bem sem fastio: tá, tá, (senhor Alexandre) não me maltrates, que tu e eu, ambos temos um proprio officio, mas com tal differença, que a ti, porque roubas o mundo cercado de exercitos, te saudam as gentes por monarcha, e a mim, que com poucos companheiros faço pequenos damnos me infamam de corsario; eis aqui como os homens fazem suas medidas!

Portug. Por certo, se a discripção dá valor, bem podeis dizer quanto quizerdes.

Vintem. Mas certo é que valia faz discretos, cousa com que eu estou a fogo e sangue; passe que a fortuna faça os homens maiores do que são, subindo-os sobre as peanhas dos altos postos que lhes mette debaixo dos pés; mas que a este passo queira tambem estirar-lhes o entendimento, isso (má hora) é muito.

Portug. Antes então confessa ella, que os grandes devem ser entendidos; pois não lhe achando verdadeiro juizo, lh'o dá fingido pelo menos; advertindo-nos de que ha tão grandes faltas de entendimento nos maiores, que logo que os engrandece lhes deve buscar um talento que as calle pela fórma de sua ventura.

Dobrão. Senhor, tratemos ora de nós, e deixemos o mundo, por não incorrermos na maldição de uns birbantes, que não se sabendo reger a si mesmos, toda a sua ancia é governar os monarchas.

Vintem. Pois ajuntae-lhe, que ainda é maior o desamparo dos principes que por tal gente se governam.

Cruzado. Não o fez assim aquelle grão Turco (só

então grande) quando em nossos tempos mandou espetar o Judeu Alvitrista, que lhe propunha se fizesse Pontifice de seus vassallos, dispensando-lhe os impedimentos da natureza a peso de ouro.

Vintem. Com tudo, uma cousa mal feita fez então esse canaz.

Portug. Que tendes que condemnar em acção tão justa?

Vintem. Ora simples, sabes qual? Não mandar a pelle do justiçado cheia de palha a mostrar pelo mundo (como quem pede com pelle de lobo) para exemplo dos reis e medo dos bargantes.

Dobrão. Outra vez nos enredamos em politicas escusadas? O mesmo que abominâmos, commettemos.

Vintem. Não te espantes que o dinheiro é o melhor conselheiro de estado que teem os reis; porque como disse não sei quem, a magestade sem potencia é gigante de palha, e d'ahi veiu que, denotando os antigos hespanhoes o poder dos grandes, lhes assignalaram por insignia pendão e caldeira, por onde aquelles cengos de Athenas prohibiam em lei aspera que ninguem désse conselho sem dar remedio; se isto assim é, visto que nós somos o verdadeiro e geral remedio dos monarchas, nós só devemos ser seus conselheiros.

Dobrão. Isso está bem, mas fallemos em o nosso caso, que é o que nos faz ao caso.

Portug. Dizeis bem; ora vinde já com esses artigos de nova razão, que todo o discurso nos embargam.

Dobrão. Digo pois, que como a este senhor cruzado lhe parece n'estas breves horas em que por illusão ou prodigio, gosamos o soberano dom de voz e juizo humano, nos empreguemos no que mais importa, tratando do que á nossa liberdade convém, sem nos di-

vertir a extravagancia dos accidentes do mundo, que nos não foi encommendado.

Portug. Tem razão o castelhano.

Vintem. Tambem é um dos milagres d'este dia, lh'a ache um portuguez!

Portug. Mal e peor fôra se nós lhe pediramos que nol-a achassem; mas bastou que Deus no-la descobrisse.

Dobrão. Por isso se diz lá na minha terra: antes enbidia, que mansilla.

Portug. Olhae: entre os sabios não ha nações; eu não sou natural senão da verdade: mas vós outros (dou-vos a S. Bernardo) sois terriveis!

Dobrão. A desgraça faz a todos uns e baralha bens e males; pois aqui estamos todos captivos, não haja mais meu e teu.

Cruzado. Tem justiça: e para fazer a pratica mais agradavel e mais segura na determinação, bem a proposito será dar cada qual de nós a todos juntos conta da sua vida, para que cada um saiba de quem se fia.

Portug. A grande pena me obrigarei, sendo certo que as magoas na alma são como as settas no corpo; fazem maior ferida que quando entram, quando forceja por arrancal-as aquelle que as padece.

Dobrão. Para isso se fizeram os mofinos; para que até elles proprios tenham mão contra si mesmos.

Cruzado. Parece que está vencido em votos, que digamos o que nos lembrar de nossos successos.

Dobrão. Quem lhe dará o principio?

Cruzado. O portuguez que é mais velho.

Portug. Renego da dignidade, que nos pertence por via dos annos ou das desgraças!

Vintem. E tu fazes isso differente?

Cruzado. Todos esperamos a ouvir-te.

Vintem. Ouve e calla.

Dobrão. Escuto.

Portug. Digo: a cousa mais antiga e de que me lembro em minha vida, é que não sei porque rodeios me achei em poder de um grande, com outros parentes meus do meu tamanho, que o serviamos; e queria-nos elle tanto, que por mais que o seu vedor ás vezes lhe requeria nos trocasse, porque a familia por falta de dinheiro estava perecendo, nunca jámais houve remedio. Pediu-lhe reis um seu filho (que ainda era tempo d'isso) e bastou allegar-lhe ser cousa de principes, para que logo n'esse momento nos entregasse, a mim e a cinco camaradas nas mãos do moço que já não via a hora do nosso desbarate. Confesso-vos, que julguei de me mudar com pressa. Era eu tambem mancebo, parecia-me que toda a mudança era melhora, e foi assim que apenas aquelle senhor se apartou do pae, quando eu me vi com a vida em balança, e o corpo nas balanças de um ourives, a quem se mandou o valor de minha pessoa.

Vintem. Por isso eu digo, que a troco de que um homem de bem não se ache em estado de que outrem lhe ponha o preço, fôra eu antes caranguejo mouro, que portuguez de ouro.

Portug. E mais preço de portuguez, que é sobre todos incerto! Sahi finalmente avaliado e por mim os outros; ah! se todos os homens fossem eguaes no valor como o são no parecer! Aguas teve com isto o bom do nosso amo, de nos trocar em miudos, afim de satisfazer seu par de appetittes; e o fizera sem falta, a não se atravcssar o bom zêlo de um seu creado, que nos trazia á déstra (e a elle mais) o qual julgando lanço de enxadrista, ou de creado (que ainda é mais astuto) lhe aconselhou que de nós todos fizesse presente á senhora fulana, porque lh'o merecia ella no amor e lealdade; e eis-me nas mãos da moça, a quem

o malvado nos levou com um recado mais longo, que os olhos com que ella nos esperava. Pouco me detive n'aquella casa; porque nas mãos d'estas lhe arrebenta o fel ao ouro antes de trez dias, e muito antes caminhava eu já para a rua Nova, aonde brevemente me vi vendido, em preço das calças e pelote do patife; porque como o sol traz comsigo a sombra, como as sombras o medo, traz o vicio ás costas o inconveniente; sendo uns erros justiça dos outros, e algozes muitas vezes. Digo-vo-lo, porque ainda tenho presente o escandalo dos embustes, das trapaças, emfim das traições que ali vi concertar contra o pobre de meu senhor pelo seu creado e pela sua amiga: vêde que bem cumpridas estavam n'aquellas duas boas pessoas as obrigações de seus officios. Ora o chatim em me recebendo, sepultou-me em a caixa (como elles dizem) ou em ataúde, que até isso tive de sepultado, assentado primeiro o dia e hora de minha entrada (como a enfermo do hospital) de que logo me temi, como de agouro de morte. Lá achei companheiros de todas as laias e moedas de todas as leis, algumas tão falsas como a propria de meu amo. Nunca padeci maior enfadamento (vos digo) que na enxovia d'aquelle mesquinho tão prezado de seu officio, que por suspeitar nos gastariamos uns com os outros, toda a moeda de ouro empapelava á parte como chapim de Valença: e gastando muito papel para nos fazer roupa branca, affirmava que em escusar roçaduras, ganhava cincoenta por cento. Vendo-me assim só e desesperado, minha occupação era um continuo lamento; até que nosso Senhor quiz trazer á logea um pretendente, que á força de ganho, rogos e importunações, me comprou e a tres ou quatro para nos mandar de presente a certo ministro, de quem dependiam seus negocios. Eram de ouvir as lastimas que o triste nos dizia em

nos vendo; e vendo que eramos seu sangue, e que era força derramal-o! Considerava eu, ouvindo-o, a miseria d'aquelles mofinos, que nem o proprio inferno deixam a outros que lhe preste. Roubam os mais d'estes a republica tão miseravelmente, que de sua propria perdição (como se fosse mercê de outro tempo) pagam meia anata: já que a perda ha de ser toda sua, porque o não será o proveito? Por tão penada e penosa traça lhe dá o engenho a beber seu proprio castigo. Tomou-nos emfim, e nos anafou em uma bolsa cheirosa, com mais cordões verdes e borlas no cabo, que chapeu de bispo armenio. Subiu-se á falla d'aquelle satrapa, que em publica audiencia e em dia claro roubava (fazei conta) como em valle de cavallinhos. Chegou-se o pobrete com passos tartamudos, e tão desconfiado, como se fosse pedir o mesmo que levava, e lhe disse: senhor, esta manhã quando vos descestes da mulla nas escadas do tribunal vos cahiu esta bolsa, cujo achado estimei mais, que um thesòuro; não sei que traz dentro. Fez carranca o sobredito, mas cahindo tão depressa na conta, como na tentação, deu com amor os dedos e recebeu a offerta com despreso, por se não empenhar nas démonstrações de obrigado. Senti-lhe eu muita graça na diligencia com que se enxeriu no successo: porque de repente olhando para um creado (arlequim d'aquelle jogo) lhe disse alto: (perante todos) ora escuso-te as passadas! Aqui está o bolsinho que te mandava buscar agora: ainda ha homens de consciencia no mundo! E recolheu-se, não faltando alguns dos circumstantes que jurassem que elle a intervira cahir no chão, indo-lhe a dar o estribo. Oh! valha-me Deus, e quanto me metteu por dentro aquelle modo de capear! Notava muito para commigo a isenção do que recebia, a villeza do que dava, o engano dos confirmadores, e o artificio dos creados,

a credulidade dos requerentes, e emfim o desafogo de todos!

Vintem. De pouco vos espantaes para tão antigo.

Portug. São malicias á la moda, que se não viram na minha mocidade.

Vintem. Sabei que cada dia o mundo amanhece dessimilhante, e que não está nos modos, se não nos tempos a estranheza; males houve, males ha e males haverá; mas como dos passados fallamos de ouvida, dos futuros com receio, damos sómente fé do que experimentamos, d'onde vem que nos parecem maiores os presentes; que a experiencia é mais palpavel affecto, que a admiração do passado e que a cautella do futuro.

Cruzado. Calla-te, não interrompas.

Vintem. Oh! deixae-me, que uma pratica sem reparos, é como vestido sem guarnição!

Portug. Recolheu-me na algibeira (como disse) o meu senhor ministro, e dos companheiros fez entrega á sua esposa, que em obras pias de mandar encommendas a terras de pagãos, trazia empregado á uzura o seu cabedal e os alheios. Eu por mais prasenteiro fiquei em campo, aonde servi os meus tres annos como fronteiro de Africa, com armas e cavallo á minha custa; que cousas vi ali tanto para vêr! Emfim, eu fui o ferro do Potosi d'aquella casa; se meu amo jogava, a troco de me não trocar, não pagava jámais o que devia de perda; se comprava, por se não desfazer d'aquella peça, nunca retribuiu cousa que lhe vendessem; se lhe pediam esmola, eu era sempre muito dinheiro para ser dado de uma só vez a um homem pobre; se devia, era pouco, e quando satisfizesse o o mais, satisfaria o menos; de tal modo, que sempre ficava intacto, e á minha sombra o mais dinheiro de casa. Ponham-se de parte os Ostendes de Flandres,

as Inclusas de Hollanda, os Brisaques de Tirol, os Zantes de Veneza, que eu fui sempre (em poder d'este) mais firme e seguro baluarte. Mas como a fortuna é como forão, que por costume se encarna nos mais amigos, chegou-lhe á minha fortuna a sua hora, ordenando que uma escrava de casa, espanando-lhe o vestido, me espanasse a mim do bolsinho de meu amo para contribuir com os reditos a um rascão musico, que a poder de xacaras e seguidilhas a trazia amartellada. Vêde ora o jogo da sorte e contemplae porque maneira em mim se fez tal mudança; como descer da algibeira perfumada de um ministro aos asquerozos entreforros de um pagem? A tudo me accommodei, descursando que n'estes dados do tempo não ha (por mais que digam os mofinos) maior numero de azares, que de encontros; e foi assim que os proprios dados aquella vez me fizeram forro ou melhoraram de captiveiro; porque indo-me o micho a parar á tabola do terreiro do Paço, por suffragio de um dois e az, passei de repente a poder de um certo alferes, pessoa abalisada entre as d'esta arte. Alegrei-me então commigo mesmo, entendendo que poderia na guerra luzir muito.

Vintem. Segundo os amigos que deixaste na côrte?

Dobrão. Pois que proporção tem a guerra com a côrte?

Portug. Trabalhosa tecla tocaste; mal soante por certo aos ouvidos que amam a harmonia do merito e galardão.

Cruzado. Essa musica aonde se canta?

Dobrão. No côro dos bons propositos.

Vintem. Deixemo-la para dia de festa.

Cruzado. Será a maior do anno.

Portug. Passo ávante; o meu alferes era mancebo de brio.

Dobrão. Assim havia de ser por força, para que se cumpra o proverbio: capitão valente, alferes brioso, sargento sollicito.

Portug. Que mal se guarda essa lei!

Vintem. Antes bem; mas guarda-se na gaveta, como dizia o outro; mais macissos são os dez mandamentos, e quanto mais fracos vemos os homens, os quebram mais facilmente.

Cruzado. Marchae já com esse vosso alferes, senhor soldado, e prosegui.

Portug. Passava então um terço a Flandres, enxertou-se meu amo na jornada, na qual em breve nos vimos ás gadelhas com uma grande frota de Hollanda no canal de Inglaterra.

Vintem. Ora, mas que me reprendaes e lanceis da conversação com caixas destemperadas, eu não posso deixar a sandice da gente, que sem que, nem para que, nem mais tirte, nem guarte, que viva o Leão de Hespanha, ou viva o principe de Orange, se mate e consuma a fogo e sangue com terror dos mortos e estrago dos vivos; fazendo crêr aos montes da terra e ao golpho do mar, que o mundo é destruido. E o melhor de tudo, e em que eu lhe acho mais graça, é que n'essas mesmas horas em que elles jogam a morte e a vida, esses mesmos leões e esses proprios tigres, por cujas vidas os outros bestialmente perdem as suas, se estão repousando de inverno entre aposentos, enroupados de ouro e seda, e de verão passeando-se por jardins cheirosos, sem saberem quem são os mentecaptos que se matam porque elles vivam; nem ás suas vidas importa que est'outros se matem, um só dia de vantagem além dos que lhe estão promettidos. Mal por mal, melhor estou eu com o costume das saudes, que com o dos vivas, porque é menos sanguinho e mais alegre, cujo suffragio já que não

aproveita á saude d'aquelle por quem se offerece, aproveita ao menos ao paladar e estomago d'aquelle que a faz.

Portug. E eu a tudo callado! Pois esperae, que hei de ir trincando-vos a cada passo vossa arenga.

Vintem. Antes eu vo-lo pedirei por favor, como estudante que faz actos e roga muito que o desmintam, para sahir melhor com a sua.

Portug. Não haviam parado meus trabalhos na perigrinação; foram-se estranhando da propria paciencia com que os soffria, como ás vezes succede, e logo ouvireis. Eram rijos os combates e os combatentes; faltou da parte, dos nossos o valor ou disciplina, (e praza a Deus não fosse tudo) desceu sobre nós o fogo do céo, e sobre a minha embarcação (se acaso não subiu contra ella o do inferno) ardeu como estopa, e o meu pobre companheiro, depois de fazer sua obrigação, deixou que n'elle fizesse a desgraça a sua vontade; lançou-se ao mar e afogou-se, que é boa consequencia, e eu a par d'elle sempre, não regeitei o salto, qual se conta d'aquelle cão fiel, que se arremessou com o senhor na sepultura. Ora, que seria de mim vendo-me lá no fundo do mar, estrangeiro entre peixes e areias, que me não conheciam? Vi o que nunca poude crêr; vi que havia lugar, onde do dinheiro se não fazia caso; mas não sei que seja outro se não este. Então tive por certo que ali ficaria subterrado até o fim dos tempos; porque quem iria cuidar que a cobiça humana, embarcada no coração do homem, desce ao abysmo das aguas, mudando o ser da gente e os elementos? Pois aconteceu que d'ali a alguns dias se buscaram buzios para salvar a artilheria (que é outra boa invenção), mergulhou-se um diabo de um italiano, e tanto se profundou, que lá foi dar commigo; gallou-se de repente sobre mim, (que não venha

cá gavião sobre calhandra) e filou-me de sorte, que ainda vendo-se afogado por mil vezes, me não quiz largar da mão. Tornei então a vêr o mundo, que não esperava, e espantou-me, porque d'aquella novena que fui fazer ás profundezas, já quando vim o achei outro.

Vintem. Por isso disse bem a nosso intento aquelle clerigo de Polonia (Copernico, ou como lhe chamam) que a terra e os homens, era o que sempre andava ao redor, não já céo, o sol, nem estrellas.

Portug. Promettia eu em tanto, entre mim, fazer uma vida nova, se pudesse; mas promessas de quem não tem liberdade são como os pomos de Sodoma, fructa por fóra e cinza por dentro.

Dobrão. Que fez então de vós esse diabo, ou esse anjo, que vos desencantou?

Portug. Primeiro escondeu-me astutamente, para me manifestar logo, como fez, em uma taverna donde se não sahiu até que por vinho, jogo e tabaco me não deixou concluido; mas affirmo-vos que nunca, como então, cheguei a palpar os desconcertos do mundo, vendo haver n'elle gente que tão caro compra o que vende tão barato, e que seja a vida amavel e seu risco, certo preço da mais vil satisfacão, do mais indigno appetite! Achava-se á mesa um vagamundo d'estes que chamam peregrinos, leves dos pés e das mãos, o qual marcando-me com a vista, e acenando-me com alvoroço, (apezar das vigias de tantos olhos) me arrebatou subtilmente. Levantou-se primeiro que os mantens, e tomou o caminho; vinha eu já como insensivel, porque a roda da minha fortuna me trazia a cabeça á roda; não direi como foi, mas fosse como fosse, quando eu dei de mim fé, eis que me acho em meio de um deserto, eu e meu viandante, cercado de bandoleiros, homens de rostos atrozes, de consultas desencadernadas, costumes fóra de villa e termo; lembra-me que

quando abri os olhos, que de pressa cerrei, vi já o pobre do meu amo despido por dois d'aquelles submilheres, que pegados com elle, luctavam cruelmente sobre quem me havia levar por força de lucta; outros de fóra diziam me esquartejassem; (que fôra n'elles mais bem empregado) mas tal foi a raiva do vencido, que vendo-me já inteiro nas mãos de seu contendor, remeteu ao pobre despojado, e dando-lhe de punhaladas, entre mau castelhano e peior catalão, dizia: toma Belhitrás, para que te não venhas cá outra vez aonde estão dois homens honrados, com uma só peça de ouro. Nunca me senti tão perturbado, como então; e já commigo suspirava pelo repouzo com que vivia dentro no pego, sem vêr nem ser visto. Mil vezes amaldiçoei a cobiça e a ambição, a avareza e o interesse dos viventes; e sem saber que sorte me cahiria em sorte, vi que o bom do meu amo (mau ladrão) se abaixava a descozer a solla da alparcata, para me dar mais seguro aposento; isto supposto e feito, caminhava e calcava-me, sem advertir por d'onde. Ia-me eu lembrando das cousas da vida, porque, quem me dissera a mim, sendo creado em mimo e regallos dos principes, guardado como joia em seus escriptorios perfumados e lustrozos como um ouro, que ainda viria tempo em que me veria ser tacão das palmilhas de um esfola caras? Mas não passaram muitas luas que tudo isto se não mudasse; com o que sei acabo: que ao bem do mal não ha já mais jornada, que do mal ao bem.

Vintem. Por isso eu má hora desespere, porque ha gente no mundo, que lhe não quer dar tempo ao tempo, querendo sempre que o tempo lhe dê tempo a ella para tudo. Ei-lo ahi; se logo n'essa hora vos matasseis á vista de vossas desgraças, morto ficarieis sem sahir d'ellas, e sem alguma graça a comedia de vossos acontecimentos!

Dobrão. Certo creio, que o mesmo nos succede a todos.

Vintem. Logo nos entenderemos.

Portug. Fui até á villa do meu salteador de caminhos.

Vintem. Das villas me guarde a mim Deus, que d'esses outros com estar quedo, me forro.

Portug. Vendeu-me por pouco mais de nada a um dizimeiro e acabou-se commigo de ferrar a prova ao ladrão, de quem era; prenderam-n'o e levaram-me; vêde que cousas estas!

Vintem. Com o dizimeiro não vos iria mal?

Portug. Nem bem; porque é uma casta de gente como tafues, que compram (como elles pagam) o sol antes que nasça. Este que me coube servir, do bem e do mal ganhado fazia thesouro, afim do casamento de uma filha, para quem já não queria senão fidalgo de tres sollas.

Vintem. Isso assim se diz em portuguez; eis ahi porque todos esses são ladrões; como fará boa cousa o homem, que começa despresando-se a si mesmo, sem ser por amor de Deus; ou querendo-se fazer o que Deus não quiz, que elle fosse? Então que succede n'esta porfia? Succede que elle faz, e Deus desfaz: e como está de mais alto, sempre fica de cima.

Portug. Em quantas terras tenho corrido, não vi taes cousas, como n'aquella officina! De todas as lingoas havia alli dinheiro ocioso: as pistollas francezas; os Jacobos ao revez de Inglaterra; os Maticais Berberiscos; os Zanquins de Turquia; os Venezianos de Levante, passavam pela mão com os nossos S. Thomés e S. Vicentes, como se todos fossem uns; até os Julios Romanos e todo o livro de Guilhermo Chorel vi que andava vivente, revolvendo-se por aquelles cofres e contadores; era um labyrintho!

Vintem. E quantos folgariam de entrar n'elle, mas, que perdessem o fio e lhes ficasse a vida n'outro.

Portug. Choviam cada dia os hospedes pela greta do caixão: não vi banho de Argel mais povoado de captivos!

Vintem. Bem, senão quando.

Portug. Bem senão quando?

Vintem. Ora acabae.

Portug. Não era eu de quinze dias chegado á casa quando por contas ruins dos dizimos, ou dizimas, e eis aqui que dão com o meu dizimeiro em outra mais aspera prizão, que a em que elle nos tinha; é bem julgado, ou mal julgado, em nove dias nós já eramos todos del-rei d'aquella terra (bofé que me esquece o nome,) é verdade que (como ouvistes) eu fui creado em paços, mas no d'el-rei não entrara nunca; antes pelo que tinha sabido, entendia eu que a par das riquezas e magestade da casa d'el-rei nenhuma conta fariam de mim: tambem n'esta me achei enganado; porque ali me estimavam todos e me agazalhavam muito mais do que esperava e merecia; sobre que me disseram que não era assim antigamente. Digo-vos, que nunca cuidei que valia tanto! E' boa gente a cortezã, muito dada e muito amiga de dinheiro, o mais inchado se me tinha junto de si affigurava-se-lhe que ainda ficava mais inchado; tal havia, que nunca tirava os olhos de mim e tal que a meu respeito os queria tirar aos outros. Confesso-vos, que ás vezes dei em suspeitar mal d'aquelle agazalhado; porque as amizades desproporcionadas sempre são mal seguras; emfim, querendo-me todos levar para casa lá me accommodaram na de um thesoureiro d'el-rei, que me fez mil cortezias.

Dobrão. Se elles fossem tão cortezes com nossa sahida como á entrada, ninguem se queixaria.

Cruzado. Antes o são mais, e com mais causas, porque nunca sahimos das mãos d'esta gente, que lhe não tragamos o coração comnosco.

Vintem. Se assim prendessem as vinhas na charneca, como o dinheiro péga nos cofres dos depositarios, fôra Portugal outra Candia, apezar do Grão-Turco.

Portug. Pouco me durou a fortuna de estar enthezourado, porque achando-me de melhor ouro que os outros, me pediu certo ourives para remendar uma corôa.

Vintem. Pediu bem o homem! D'esse é o panno com que ellas se remendam.

Portug. Tocou-me (como digo) a mim a sorte do emplasto; e porque a mais fina desgraça é encontrar com os trabalhos pela mesma rua, que outros topam com o descanço, deram em me gabar sobre os mais afim de me derreterem e consumirem; mal estou com estes meus quilates, que de nenhuma outra cousa me servem, que trarzer-me hypothecado aos perigos!

Dobrão. O mais terrivel artificio que inventou a malicia, é offender com os louvores.

Vintem. E ainda assim ha parvos, mortos por louvaminhas!

Cruzado. E por ellas.

Portug. Não era grande a quebra da corôa, porque lhe accudiram com tempo, e só faltava fortificar por dentro um florão d'ella. Quer Deus que sem me fundirem, e assim como aqui estou vestido e calçado entrei em logar da chapa que fallecia, e ficou tudo feito.

Dobrão. Bom official aquelle, que sem damno de umas cousas, remedeia as outras.

Vintem. Esses mestres em vez de corôas, deviam os principes trazer por corôas na cabeça: gente que compõe a falta do rei sem consumir aos vassallos!

Dizei-me que reino é esse, que me quero ir para lá viver uns dias?

Portug. Muito material estaes; que melhor viera aqui dar uma volta com o discurso ás cousas do mundo, vendo que da palmilha do sapato de outro vagabundo me vi em poucos dias collocado sobre a diadema de um monarcha.

Vintem. Por isso sois ouro cuja fortuna parece que herdastes do pae que vos engendrou; que cada dia retoca liberalmente as pomas de ouro da mais alta torre dos monarchas e entra pelas mangedouras dos mais tristes aduares da Aduquella, sempre sol, sempre limpo, sempre formoso; assim é a virtude, assim a nobresa que d'ella procedem, cujo simbolo no ouro e seus compostos se verifica, que não nos de *quis*, *vel quid*, por isso n'estas côrtes vereis sempre confiado o ouro fino: não já (má hora) os escudeiros de cobre e de latão; que em lhes faltando o lustre ei-los perdidos e feitos caldeiras velhas; sendo assim que como a alta providencia de Deus o creou na mais baixa parte da terra, e na peior, porque como o creava para ser n'ella o metal mais alto, se não ensoberbecesse lembrado de seus humildes principios.

Cruzado. Valha o sermão sem sello ex causa; mas vamos vêr o fim d'esta perigrinação, com que Fernão Mendes Pinto não tem que fazer, e é um tolhido Marco Antonio Veneto.

Vintem. Sem sello irá o sermão, mas não sem Ave Marias, tendo-se rezado já muitas porque elle se acabasse.

Portug. Pouco lhe falta.

Dobrão. Dizei tudo.

Portug. Teve seu termo a solemnidade d'aquelle dia; e como eu fosse mal cosido e pegado á pressa, senti que me dilizavam pela corôa abaixo: valha-me Deus, quasi em uma hora, tão luzido e tão cahido!

cousa que encontra todas as boas obras, não póde deixar de ser muito perverso.

Cruzado. Eu creio que assim como o surdo ou mudo, dizem que o sentido que lhes falta se lhes converte logo em outro, que proporcionalmente se lhe augmenta (tão grande conselho tem a natureza!) Assim aos miseraveis se lhes trocam todos os vicios (se alguns lhes faltam) em aquella propria miseria que padecem.

Portug. Ora a tudo isso eu vos juro que tenho agora de ouvir-vos outros dois tantos do que me tendes ouvido, se quizeres manter jogo.

Dobrão. Isso será impossivel depois de haverdes feito vossa relação de modo, que para a julgar qualquer de nós lhe faltou arte e tempo.

Cruzado. Dirá hoje o nosso amigo Navarro alguma cousa de seus successos, que devem ser galantes, porque historias engraçadas não succedem a homens semsabores, e eu com o dobrão ficaremos para outro dia.

Portug. Nem para replicar estou sobre o que desejo, mas seja como mandardes; quanto mais que nós para contarmos nossas desaventuras não estamos aqui, se não para buscarmos algum modo de remedia-las.

Vintem. Ninguem perdeu em ser obediente; mais depressa perdereis vós em que vo-lo seja, que por isso se disse: serviço te farei com que arrenegues.

Cruzado. Escusar prologos.

Vintem. Embora.

Dobrão. Ouçamos.

Vintem. Se fôra homem como sou dinheiro, eu crêra de mim ser algum engeitado, mas visto que não póde ser, porque ha prematica de que ninguem nos engeite, não saberei agora ao certo determinarme em que sou, nem se é verdade que nasci em Olite

ou Tudella, que é a flôr de Navarra, segundo lá se diz, ou se sou Navarro enxerto, como se suspeita.

Dobrão. Bem pareceis pobretão, pois ainda não achastes quem vos enfiasse a prozapia até avós, quando menos.

Cruzado. Cara é a nobreza por arte : e de avós que custam dinheiro, é perigoza a descendencia.

Vintem. Cedo começaes vós outros (como a gente ocioza) a armar cambapé á minha narração ; mas eu vos direi : ha muitos dias que sou como odre dos touros, que quando elles mais trabalham e se esbravejam pelo derribar, elle mais de pressa se levanta da terra

Dobrão. Quanto é para isso melhores invensões se acham na nossa edade ; se não perguntae-o em segredo a quem vos eu disser.

Portug. Senhores, ou vivemos, ou despertamos ! que se assim é quero tambem metter minha praga em reste.

Vintem. Nem as do sol estão d'ellas seguras ; mas como vos dizia : ao collo entendo que me criou um cego, se não ao peito, trazendo-me de continuo (como reliquiario) ao pescoço em uma nomina, que ás vezes lhe servia de bolsinho, porque pela achar rija dos fechos, vazava as reliquias afim de guardar n'ella o cabedal. Em dias grandes de jubileu, procissão, ou romagem, me dava abertas e publicadas, e desenfardelando-me passou-me a um prato, onde lhe servia de endez.

Dobrão. De indes quereis dizer, que signala a cousa de que fazemos demonstração.

Vintem. Oh ! tambem vós sois de uns marmanjos que se prezam de pontuaes no que não importa ! Tende-me geito de explicar os nomes inteiros quando praticares e disseres, assoviando meia hora em cada nome ; como se quando dizemos *confiança* á bocca

cheia, não ficasse o coração mais leve e o conceito mais desabafado em tão espaçosa palavra: porque pronunciações afeminadas, é bom falar para bonecas; uma cousa vos digo: que sobre ser obra boa fazer cada um tudo o melhor que possa ser, tenho por indicio de coração não grande affectar a perfeição das cousas pequenas: antes suspeito que a natureza humana, que em toda a perfeição logica sómente se esmera em miudezas de fraca ou de enfastiada, falta de ordinario em obras de porte.

Portug. Deixae-me tomar a vara de mordomo e governar esta procissão; adeante com os fugareos!

Vintem. Quando o meu cego se achava com gente de sua estofa, cada instante eu vinha á balha. Uma vez dizia que fôra dado de um conde e outra de um arcebispo, e talvez affirmava que de noite pelo escuro me achara ás apalpadellas, por milagre; mais alardes fazia commigo, que nem escudeiro de Famalicão com carta do primo desembargador.

Cruzado. Certo vicio em gente de animo curto, ostentar mais o que tem menos.

Vintem. Mas por aquillo disseram já que tanto brincou o demo com sua mãe, até que lhe quebrou os focinhos; digo-vo-lo, porque tanto me andou mostrando e assoalhando o pobre do meu pobre, até que outro que tinha mais claros olhos e mais subtis mãos, subtilmente me agarrou, e da bolsa em que vivia, me tres passouao seio; porém eu enfadado da trapassa, nem por ser tanto de seu seio me quiz dar bem com elle, julgando não ser para amigo homem sem amizade; sendo certo que os erros da amizade são como arismetica, aonde para que a conta seja errada, tanto vale errar em um como em um cento; quem não souber ser amigo, não é razão que o tenha.

Cruzado. Então que fizestes?

Vintem. Dei mão para me deitar pela de meu amo, até parar na lama da rua, vida em que tambem achei minhas commodidades e conveniencias.

Dobrão. Raro dizer! Na lama e no chão commodidades e conveniencias!

Vintem. Pois que cuidaes? Os humores das creaturas são diversos; levantae uma toupeira sobre os ares, eis-la fenecida; escondei uma garça debaixo da terra eis-la acabada; com o mesmo com que uma gente se deleita outra se martyriza. Eu certo tenho saudades d'aquelle lodo, onde passava muito bem: tinha boa cama, jazia descançado, ninguem entendia commigo, não andava, não lidava, não enganava, e não era enganado. Oh! como me ia bem!

Portug. Pois quem vos desinquietou?

Vintem. O maldito pantufo de uma beata, d'estas que chrismam a conveniencia já depois de grande e lhe chamam devoção; andam com os olhos baixos e lhes vale um pezo de ouro porque nada se perde que lhes escape. Eu conheci uma d'estas, que lhe importava andar com o rosto mortificado cento por cento porque do que achava pelo discurso do anno se vestia e pagava as casas; outra tal foi a que me recolheu; e creio que foi em um lenço, de caminho, em cuja ponta me atou, com duas contas de peixe mulher, uma veronica ferrugenta, (não quizera mentir) e com um dente de finado, que tudo tinha seu mysterio e serventia. Logo d'alli fui correndo a folha a comadres, discipulas, afilhadas e devotas, mostrando a todas seu achadego; ás menos trincadas affirmava que um passarinho me levava no bico (e era de vêr a devoção com que o pintava!) d'onde como de proposito viera a seu poder, por onde alli logo levantava taes enredos e tão bem fabricados, que eu proprio estava um és, não és de lhe crêr quanto de mim fingia. Já

entre aquella gente ninguem me chamava senão o vintem dos milagres, chegando a tanto o negocio, que por dez tostões (que ella dizia de esmolla) me encampou a uma filha de um mercador, mimosa e rica, a quem a minha beata deu em puridade seis remoques de ser moeda, ainda que pequena, com vezes de mendrasol e vara de condão, e carta de tocar em materia de casamento; a rapariga que era doida pela madre (como em casa lhe chamavam á beata), e por si mesma e pelo filho de uma vizinha, começou commigo a fazer coisas como uma doida.

Dobrão. Tristes de nós, o que passamos d'isso! Que mal é não ter liberdade!

Vintem. Pois isto chamaes vós ser captivo? Ser o dinheiro senhor do mundo todo! Se tendes as lagrimas tanto da vossa mão chorae antes sobre aquelles que se deixam captivar de nós outros, mas que não fará o amor! Fez que a simples da rapariga me serenasse tantas noites ao relento, depois de muito bem benzido (que maldito pudera ser melhor) com mil superstições que a velha lhe enfiava (todas entravam para que tivesse mais fortuna) segundo sua errada opinião, quando no meio da devoção o pae (que não era lerdo) deu apoz da filha, suspeitoso dos segredos da beata, e de repente em um instante assalta a baforinha, aonde o primeiro diabo com que topou, foi commigo, tão colerico, que indo-me a lançar pela janella fóra, me teve respeito, por vêr em mim essa cruz de Deus, com quem não devem de querer brigas os homens do seu tracto; todavia, por quebrar agouros me mandou logo trocar por sellada á ribeira; a moça se desfazia em lagrimas com a mãe, affirmando entretanto que o que mais sentia era perder-me em tempo que eu estava já meio feito, não lhe faltando se não setenta e duas noites de inverno para acabar

a devoção, com que eu ficaria uma pessoa de muitas prendas e de grande preço, por cujo meio toda a pessoa poderia saber quem lhe queria bem ou mal.

Portug. Estranhastes na mão da regateira aonde fostes parar?

Vintem. Não; porque é nossa gente aquella, com quem fomos creados e vivemos, sabendo-nos as manhas uns aos outros.

Dobrão. Como vos recebeu?

Vintem. Lançou-me a garnel em uma cisterna de lona, que como bolsa ou cevadeira trazem ao lado, d'onde de revolta com patacões e escamas, simples e bargantes, todos ali eramos escamados á força; pois succedeu-me uma graça, de que ainda agora me espanto e me riu juntamente; já sabeis que não muito poucas d'aquellas mulheres não tem de christãs (ainda mal) mais que o nome, e com isto assim ser, são a propria pontualidade em assalariar um cego que lhe reze pelos mortos, emquanto ellas vão acabando com os vivos. Era meu primeiro amo o cego de sua obrigação e seu fiel merceeiro, que a troco de 30 réis por mez (que não vale mais devoção tão suspeitosa) lhe rezava 30 mil desvarios por hora; não deixava testamento de Pilatos, despedida ou apartamento da alma, e imperatriz Porcina, que entoada lhes não rezasse. Na paga havia certas duvidas de uma mezada, finalmente fui eu a pomba d'aquellas pazes, e tornámos todos a ficar como d'antes; os freguezes freguezes, e eu captivo.

Cruzado. Conheceu-vos logo?

Vintem. Primeiro que eu a elle.

Dobrão. Pelo tacto, como o Polifemo ás ovelhas!

Vintem. Assim devia de ser, porque apenas me poz a mão, quando me jurou pela pelle.

Portug. E como cumpriu o juramento?

Vintem. Melhor, como lá dizem, do que se cum-

prem os alvarás de lembrança. Aferrou-me, e eu já não fazia conta de tornar mais a ser gente, mas é de saber que era cego por outra cega, que não cegara por elle, a quem chamava amiga, cousa que eu não podia soffrer, quando estava vendo que o arrastar, roubar, enganar, esfollar e lançar a perder se dizia ser amisade. Deu o cego em liberal, que é de amor a mais certa façanha; era eu sempre em suas galhofas o dianteiro, porque ha gente que tem por estrella empécer á outra gente, e chegou o negocio a ser de modo, que em um proprio dia por appetite da moça e gentileza do mancebo, eu me via na feira, na ribeira, na botica, na tenda, na taverna, no açougue, em casa do pastelleiro e na confeitaria; fui dado de esmolla, servi de resto de contas, fui trocado, escambado, empregado, jogado, perdido, fui ganhado, achado, e tudo o que a um de nós outros, quando peregrinamos pelo mundo, nos póde acontecer em muitos annos; vim, e tornei a varias partes com um curso vellocissimo; mas quando d'estas fadigas apenas descançava, eis que aqui entra a mãe da boa ou má cega, toda esbaforida, pedindo á pressa um vintem para uma obra de misericordia; estranhamos-lhe o zêlo, porque foi sempre mais justiceira que misericordiosa; quando nos disse que lhe acabassem de dar o que pedia, porque não importava menos o caso que a vida de um fidalgo honrado, que ficava para se enforcar por um vintem que lhe faltava na conta de um moio de trigo que lhe comprára a cruzado, e que sem duvida se enforcaria se lhe tardasse, segundo o deixára resoluto; então a meu pezar cheguei a vêr aquillo que então tinha ouvido, que havia homens que se enforcavam por um vintem.

Dobrão. Grande inferno terá essa velha, além dos mais, por desfazer uma cousa bem feita.

Portug. O peior de tudo é que se não enforquem todos esses, que por um vintem se enforcam.

Cruzado. Que mais força lhe quereis, que sua propria condicção! Esses vivem em si, como em Salé, sendo de suas mesmas vidas os algozes.

Dobrão. Como a outro proposito disse discretamente o nosso poeta: ser cutello da vida, a mesma vida.

Portug. Quanto se vae por trovas, mais a proposito fallou a cantiga: isto não é vida para soffrer-se.

Vintem. Detive-me então alli em poder d'aquelle padecente pouco tempo, bem infadado por certo por não ser homem de meu gosto, mas quiz Deus que brevemente fez contas com os creados; porque esses taes sempre dão em se prezar de grandes homens de conta, pezo e medida; enganam, levam e cizam; quantas mais contas fazem, quanto mais partidas fenecem; e tanto mais lhe importa a mizeria, que vos encampam por virtude. Fez emfim contas, e coube eu em dote a uma velha dona de casa, mulher industriosa e recolhida; tomou commigo amisade, (que é muito certa entre velhos e dinheiro) porque todos os domingos e dias santos gastava a tarde em contar os ceitis que ajuntava no mealheiro dos jantares e ceias que vendia regatando o preço do que lambiscava, a ventura das rações alheias; e foi de sorte, que por seus conselhos (cousa de que estava bem longe) dei na vida santanaria, com que me achei melhor que tudo. Furou-me ella com uma agulha aqui na borda, como quem fura orelhas a caxorrinha; eis aqui tenho ainda o signal; e creio certo que era mulher de tanto governo, que ajuntou para vender as ferraduras; eu furado campei ao outro dia por vintem de S. Luiz, bom para o ar, para enxaqueca, quartãs, afflicto, mal de olhos, quebranto e mulheres de parto. Tão santas informações deu de minha habilidade, que todo o dia andava

de mão em mão, como conta benta; sempre querido e estimado, ora ao pescoço de innocentes, ora nos pulsos das donzellas, atado com corda de violla, a quem servia de trasto para fazer consonancia de saude nos braços d'aquellas que me traziam. Não me lembro que passasse melhor vida em minha vida; aonde de meu vagar observei que tal cousa é a virtude, que até fingida honra e aproveita. Agora d'aqui por diante para o fim da historia a mim me custaria tanto trabalho contarvo-la pelo meudo como a vós o ouvirdes, mas basta que saibais que sem parar hora nem ponto hoje me via collocado em bolsas abbaciaes de velludo, com mordaça de aço; (porque não ha bocca mais arriscada, que a bocca de bolsa) ámanhã me via cozido entre os remendos de um pedinte, talvez passava pelo contador do tratante como por minha casa, e tal me via encantado no nicho do taboleiro do boticario; mil vezes fui iguaria do artificio, mais de mil me vi em pratos de resgate, duas mil em bacias de almas, quatro mil em mealheiros; eu fui o ministro dos trocos, o preço dos tragos, a retribuição dos presentes, e talvez o porte dos escriptos de amores; em annos caros a uns era ração, a outros salario, fazendo sempre de mim mais iguarias que de carneiro; porque agora era jantar, agora ceia; mais profias tenho apartado em chegando, mais contas rematei em apparecendo, que de cabellos se me contam na barba. Para que é mais! Os armazens d'el-rei, sua casa dos contos, sua alfandega, sete casas e casa da India sei melhor que as minhas mãos; tudo hei andado e cursado; de tudo vi meus dois dedos, e até do bolsinho real (se apertarem commigo) me atrevo a dar razão; eu servi de encarecimento aos fallidos, porque em chegando a affirmar que não tinham um vintem, lhes era mais certo valhacouto que cessão de bens; servi de hiperbole aos mesquinhos

muitos annos, porque em elles dizendo que não davam vintem, estavam desobrigados de todo o cumprimento; outras vezes dava em servir a Deus, e me mettia de gorra com os hypocritas, succedendo que muitos sem devoção nem caridade me desperdiçam em um pobre, lançando-me n'elle como quem assoalha vestidos ao sol para saberem que é bem trajado. Os nossos pobres portuguezes creados com par á moeda como sardinhas de Setubal, vendo-se na limpeza do vintem choviam de sorte, que lançavam de antemão a perder a hypocrisia e o hypocrita.

Dobrão. Indicio parece de pouca caridade ou cabedal, pois como, não passam de vintem as grandes esmolas d'este reino?

Cruzado. Antes as ordinarias lhe chegam poucas vezes.

Portug. Na esmola não se requer amor para se dar, mas providencia para se repartir, porque para dar tudo a um e a outro nada, fiça sendo desordem.

Cruzado. com vossa licença; essa caridade ou perfeição distributiva, mais pertence á justiça que não á esmola, que é uma meia graça de quem a faz, em ordem ou remedio de quem a recebe, mediante o amor de Deus e proveito do proximo; de sorte que na minha opinião a esmola não necessita de leis, nem contas, nem respeitos; antes tenho para mim que seria mais conveniente áquelle que dá a esmola determinar-se de valer cada dia a um só proximo, ou a muitos, se a muitos podesse, com tal quantidade que lhe remisse a miseria e necessidade d'aquelle dia, e que esta tal esmola seria mais próvida, que a repartida por muitos pobres, pois a nenhum d'elles supre a falta de preciso alimento.

Vintem. Com todas as gravidades da nossa disputa não me póde esquecer uma graça que ouvi a um

pobre, indo uma vez na algibeira de meu amo pelo bairro alto; chegou a pedir-lhe esmola humildemente, e respondendo-lhe o escudeiro muito inchado perdoae que eu não levo senão tostões, lhe disse o pobre, esses me eram necessarios; desconfiou o miseravel e não lhe disse cousa alguma, merecendo sua conformidade premio, quanto mais caridade. Porém aonda estava todo o meu trabalho, era aos sabbados em casa do correio-mór, porque a mais remota carta do reino fazia eu logo em apparendo vir á balha rebollindo grande confusão por certo para os escriptores das cartas, porque a melhor escripta e peior escripta, todas se dão por um preço.

Dobrão. Prezae-vos ora lá de boa nota!

Portug. Não vos ouça isso Marco Tullio, Plinio Junior, Luc. Anco, Paulo Manucio, Paulo Felippe, o Paranda, e outro certo nosso amigo, mas que vo-lo ouça embora o simplalhão do abbade Gabriel, que tão sem causa celebraram os italianos, porque os epistolarios tem por certo que de todos os actos de entendimento nenhum é tão expresso retrato da alma, como a carta de cada um, por uma natural reverberação do espirito, que faz reflexo no papel de todos os affectos que no animo do homem estão guardados e só alli circumstantes; o que não é livro na pratica, nem no discurso, aonde o artificio serve sempre de liga ao mais fino ouro do melhor entendimento.

Vintem. Fallou bem o senhor portuguez, mas (como vos dizia) os desenganos e exemplos que tenho tomado em minha vida, são sem conto, prouvera a Deus que valeram elles para nós, como valem para outros!

Dobrão. O mal é que estes taes documentos sempre ficam com quem menos necessita d'elles.

Vintem. Eu vi pae deixar estalar filho a troco de

me não trocar, e filho que por me não pôr em risco, deixou que a vida do pae se arriscasse.

Dobrão. Por Deus, que por essa familia bem se pudera dizer o que o romano pela casa de Herodes: melhor é ser alli porco que herdeiro: melhor é ser alli vintem que pae ou filho.

Vintem. Que mais? Vi desmanchar compras e vendas de grande interesse pela differença de meu valor, porque a moeda é figura e cifra á vontade de quem a tem, que segundo sua estimação lhe dá o preço. Vi matarem-se homens por meu amor: arriscarem-se e não sei se perderem-se honras e conveniencias por meu respeito; tão baixo preço põe a avareza aos homens que suas mais ricas partes vendem por bem pouco dinheiro. E conheci dois pares de testemunhas e de testemunhos, que não custaram um ceitil mais d'aquillo que eu valho; quantas honestidades se perderam por esta taxa! Quantas devassidões por ella se continuaram! Quantos negocios foram transtornados por este tal preço! Bastára que por mim se disfizesse um casamento de muitos mil cruzados, que a ambas as partes estava muito bem; e o que mais raiva me fazia, era logo a sentença com que um d'estes malditos sahia de revés, provando que estava averiguado, que quem não estima um vintem, não estima um thesouro; o que outro tal como elle corroborava ao instante com falsos contos de Dario, de Alexandre e Julio Cesar: ora dizei-me; parecei-vos que será grande delicto, não estimarmos nós os homens, que tão pouco se estimam? Se aquellas cousas em cujo troco elles se deram foram de outra móça ou raridade, bem puderamos enganar-nos; mas sendo nós proprios o valor de suas honras e vidas, e sabendo como ladrões de casa, o pouco que valemos para ser preço de cousas de tanta valia, digo e torno a dizer, que

bem mal fará o dinheiro que d'estes taes fizer algum caso.

Portug. Furioso estaes, Deus nos livre!

Vintem. O furor que ministra as armas, tambem ministra as rasões, e se é certo o que dizem, que diz o philosopho, que a oppressão dá entendimento.

Cruzado. Antes a colera é inimiga da eloquencia, quanto Marte de Saturnos, um o mesmo fogo, outro a propria neve.

Dobrão. Acabae, se vos falta.

Vintem. Sim, falta, e sim desejo acabar o que ia dizendo, lembrado d'aquella grande cortezia de Henrique IV, rei de França.

Cruzado. Qual foi?

Vintem, Fallava-lhe com larga arenga um seu monsieur: el-rei cançado o tomou pelo braço e o levou a uma galaria que lavrava no Louvre, e depois de o ter ali lhe disse: que vos parece esta praça que vou fazendo agora? Respondeu-lhe o franchinote: será cousa singular depois de acabada; tornou el-rei: pois monsieur, assim será a vossa pratica se vós lhe puzeres fim; pelo que, senhores meus, eu quero satisfazer a el-rei de França e dar cabo a meu conto.

Portug. Elle não enfada, mas se quizerdes, rematae e passaremos ao que mais nos importa.

Vintem. Lançou-se a fortuna de mim, ou eu d'ella, porque um coração é espelho de outro, e porque em uma propria mão nos vimos os jogos de parte; pedi-lhe treguas e concedeu-me pazes, lançando-me no mialheiro d'este tacanho, que a vós, a mim e a tantos tem encarcerados.

Portug. Não se nos vá hoje o tempo em porfias inuteis, que parece que já amanhece, e ficará frustrado nosso trabalho, se havendo-nos aventurado ao perigo em que estamos, não tivermos d'esta conversa-

ção alguma conveniencia, porque as que só vem a parar em gastar tempo, merecem lançadas do mundo com sambenito, como Circes encantadoras.

Dobrão. Pois que mysterios são esses que tendes prevenidos, para que requereis nosso silencio, conselho ou applauso?

Portug. Dias ha que desejo deixar o mundo.

Cruzado. Boa cautella, se temeis que elle vos deixe.

Portug. Não: d'essas sangrias em saude me rio eu muito, havendo visto, que os mais que se desenganam de antemão, lhes vem depois rogar á porta pedindo-lhe que os receba. Mas o bem do mundo é ás avessas, e ás vezes tão cortezão, que zomba d'elles altamente.

Dobrão. E ficam como nós dizemos por graça da alma de Garibay, que a não quiz Deus nem o diabo.

Portug. Ora á vista de tantas tragedias em que cada dia nos vêmos, parece que fôra acertado buscar meio para que toda a nossa geração se extinguisse do mundo.

Cruzado. Quanto é esse meio já parece que se tem achado, porque já não apparecemos.

Portug. Eis ahi o maior engano; sempre se choram os homens e sempre gastam, sempre enthesouram e sempre desprezam; quanto mais acertado fôra amanhecermos nós todos sezudos, e dar-nos quitação uns a outros que a troco de viver a gente sem dinheiro e o dinheiro sem gente, bem nos poderiam apartar os vigarios para que cada um fizesse de si o que melhor lhe estivesse.

Cruzado. Quão semsabores andarão uns e outros; o dinheiro é como fructa, só para comer-se serve. Muito enfadonha seria uma pereira do conde cheia de pomos bellos e cheirosos e doces; então maduros, e logo podres: inutilmente diverso é o meu parecer

n'essa parte: de modo que jámais para tal remedio darei favor e ajuda.

Portug. Bem parece que começas teu mundo, e que és moeda nova a quem ainda não justiçou a cobiça da gente, como a nós outros.

Cruzado. Tudo são opiniões.

Portug. Dae-me comtudo, senhor, vosso parecer, e diga cada qual o que sentir; porque este estar sentindo e soffrendo as demazias dos homens, amando-nos uns mais do que é rasão, e outros menos, com que todos indifferentemente nos perseguem, é cousa insoffrivel. Desde que tenho uso de rasão discurso sobre este ponto, e quando me persuado que lhe descubro o remedio, então me parece mais cego, ou duvidoso, sendo sem falta para mim este ponto o ponto fixo dos mathematicos e philosophos que quando mais fixo se lhe offerece, então se mostra mais errante e equivoco do que nunca. A's vezes entendi que seria a proposito fugirmos do mundo e deixal-os a elles com elle e sem nós, que não poderia haver egual vingança! Outras vezes, que pedissemos ao céo o remedio; porém, n'este enleio, nada me satisfaz de todo; pelo que, amigos e senhores, pois o damno é commum e a todos nós outros trás inficcionada a quietação sem gosto, este interesse humano, que jámais descança em nossa injuria, todos devemos trabalhar por desvial-o e vencel-o, tanto mais confiadamente, quanto de sua propria parte nos ajudam as grandes difficuldades e inconvenientes que sempre trás comsigo a cobiça dos homens. Este é meu cuidado, minha ancia e meu desejo, e se eu vira isto remediado em meus dias, certo que tornara a remoçar de novo, e luzir como quando era mancebo.

Vintem. Difficultosa é a briga que quereis apartar. Senhor meu, metter o bastão entre o homem e o ouro,

não espero lhe importe credito ou provimento a quem o executar. Diz que lá não sei onde se ajuntaram as lebres a conselho, e que por todas foi apontado que se fossem lançar em uma lagôa e se afogassem, sem ficar mais geração de tão triste gente perseguida de todo o mundo, que toma seu perigo por divertimento; ora indo já correndo todas, fizeram tão grande matinada, que as ouviram as rãs que estavam junto do charco; e como tivessem grande medo do ruido, foram-se lançando na agua, ganhando-lhe a dianteira do precipicio. Notou isto uma das lebres, que ia deante, e parou fazendo deter as outras, a quem disse: senhoras, tende mão, não nos lancemos a perder por miseraveis, pois vemos que ainda o são mais estas rãs, que tem medo de nós, e a nosso respeito se precipitam. D'onde digo, que não ha estado tão triste no mundo, que não haja outro mais triste com que aquelle possa consolar-se. Escapam os homens que padecem mil trabalhos, sem dinheiro vivem e se mantem; e o dinheiro se quer lançar no mar pelos seus duellos d'elles? Isso não farei eu emquanto tiver lume nos olhos, lancem-se elles muito em hora má, já que de cobiçosos ou perdidos se não querem emendar.

Portug. Guardae vosso parecer para quando vo-lo pedirem, e então declarareis vossa tenção, por não sobornar o consistorio.

Vintem. Esse perigo nunca lhe vem dos pequenos, que por isso disse lá o senador de Roma a Tiberio seu pedagogo: em que logar queres votar oh! Cesar! Se primeiro, quem se desviará de teu caminho ainda que errado! E se ultimo, quem será tão constante, que sustente a opinião que tu reprovares, posto que boa seja? D'onde digo meus compadres, que a opinião do humilde já mais levou a balança ao chão, nem a boia ao fundo.

Portug. Diga agora o senhor dobrão seu parecer, e acabaremos ouvindo ao nosso cruzado.

Vintem. Bem me parece.

Crnzado. Estou pela sentença.

Dobrão. Obedece-vos. Se já houve algum que sentisse que não eram os delictos menos graves a quem os commette que ao proprio offendido d'elles, eu sou da mesma opinião; porque d'este trabalho em que vejo andar o mundo a nosso respeito, levo eu egual parte, como mais atrabalhado. Por esta causa não pareça a alguem hypocrisia cançar-me pelo remedio alheio, porque não é senão pura conveniencia aliviar minha fadiga propria. Larga companhia fiz com os homens por todo o discurso de meus annos, d'onde vim a entender com quanta verdade disse lá aquelle discreto João da Veiga a seu filho: *Haveis de saber hijo mio, que las más pendencias del mundo son dineros*. E como o dinheiro é fonte perennal das pendencias das gentes, sou persuadido que só poderão remediar-se dando-lhe a essa alguma outra serventia; sangral-a e consumil-a, para que os homens não bebessem as peçonhentas aguas das discordias, de que a todos cabe seu amargoso trago. A peste grande do universo somos nós outros; quasi com o mundo começamos, sem falta com elle acabaremos. Que mortes, que roubos, que delictos, que incendios não temos occasionado? Das injustiças, que direi! Não basta que o dinheiro contrapeze a mesma virtude! Não basta que a vença! A verdade á nossa ilharga muda as côres, assim como provavam os de Tiro uma purpura junto a outra purpura para conhecer a mais sobida. Aquellas estatuas de bronze que arvorou a gentilidade, sombras foram d'esta nossa idolatria; agora cada moeda é um Deus, mais ou menos venerado, segundo o primor ou quantidade de metal de que é feito. Aquella divindade,

que demandou no ceo o anjo soberbo, outra vez parece que se vê na terra competida; o que chegou a temer o espirito ousou aqui a materia; se não vêde os bezerros no deserto de tál modo acreditados, que os proprios israelitas que no Egypto resistiram á seita dos idolos, aqui se renderam á lei d'este metal. Elle, quando mais luzente, não é outra cousa mais que uma sombra escurecedora das virtudes, ferrugem das boas partes; todas ennegrece, todas eclipsa, querendo só ser a formusura e dilicia do mundo. Eu que sei bem isto, como de casa, me estou rindo da ancia com que das gentes somos sollicitados; vêr as condições que nos levantam, é para ver! E nós tão ociozos, que se não é para um só officio não apparecemos? Nem zombando deixa de ser o outro martyrio dos viventes como grilhão ao pescoço, se é cadeia; como algema na mão, se é bracellete; como garrote na garganta, se é gargantilha; como tormento na cabeça, se é toucador ou apertador. O mimo das donzellas trazemos enganado, porque a ninguem perdoamos; umas fabricam do ouro espadas, com que estoqueiam o toucado; outras pendentes nas orelhas com que as arrepellam, e quando mais leves lhes sahimos, ou somos pensamentos ou memorias, ou lançadas para que de todas as maneiras lhe seja o ouro custoso. Certo, eu nunca me vi, nem a nenhum de nós outros, que não estivesse considerando a doudice da gente, vendo que ella propria por sua vontade se sujeita a um tão pesado jugo e tyrannia, como esterilisar-se de tudo o que Deus lhe fez proprio e creou para o uzo humano, dando sómente faculdade ao dinheiro para dispensar e repartir os mesmos bens que o ceo derramou sobre todos! Que se não podessem os homens izentar d'aquellas necessidades com que os creou a natureza, bem está; mas que por cima d'estas lançassem os ho-

mens outras maiores, introduzindo por si mesmos o valor da moeda, sem a qual nada lhes é possivel, foi cousa insana e cegueira tal, que por castigo d'ella deixou Deus que muito tempo durasse! A tanto chega por suas mãos no mundo a jurisdição de seu senhorio, que n'elle está já o dinheiro util como ceo, util como terra! Elle faz o vil nobre, o feio bello; elle desfaz o aleijão e a desformidade. Passaram a tal desvario os homens do mundo, que fizeram nova balança aonde pezassem o valor dos membros humanos; feito o interesse contraste, achou em sua consciencia quanto valia o coração, a mão, o dedo; quanto os olhos, as pernas e os pés dos miseros homens, de cuja perda offerecendo infame sacrificio á maldita merca, se dão por restauradas do perdido com valor de pouca prata e menos ouro. Passa adiante o desaforo; quer comprar os dotes do espirito; antes aqui é a maior violencia, porquc de continuo precede o rico ao sabio, o poderoso ao prudente; se não que em peior modo tambem quer que sempre seja sabio o rico, sempre prudente o poderoso, o que se vê succeder poucas vezes. Estende-se a mudar vontades e transtornar condicções; por isso recebe por marido ao endinheirado a outra, que nem para ser seu dinheiro o receberia, por isso se humilha a altiveza do que se vê com o ouro obrigado, dando novas côres á sua condição, porque elle emfim como metal pesadissimo sobre nenhuns hombros se accomoda, que os não leve por terra. Ninguem logo se meta debaixo do seu inimigo ou seu jugo, se não quer ser prostrado brevemente. Chega a tão alto que por ser Quatrino a moeda mais comica de Roma, disse já um critico com atrevida agudeza, que Deus em toda a parte era Trino, mas que em Roma era Quatrino. Ora sendo nós estes, e sendo tal o nosso officio e qualidade, que dinheiro christão ha-

verá no mundo que não procure sahir d'elle? Eu pelo menos da minha parte digo, que cançado das tragedias passadas, e temeroso das que me podem estar esperando, de muito boa vontade me irei lançar no mar, sem fazer escrupulo, havendo companheiros; antes que por mim se lancem outros tantos, como estou vendo e ajudando a lançar cada dia.

Vintem. Se tu não entenderas a causa d'essas revoltas, bem me estava, que como aquelle outro philosopho selvagem deras comtigo no pégo, por não saberes averiguar as sete correntes cada dia do mar Euripo; mas ouve agora: certo juiz lá da minha terra, sendo-lhe trazido um preso por caso atroz, o condemnou em que pagasse uma pataca; instava o meirinho que era escandalosa a culpa e merecia grave condemnação, ao que muito fleumatico lhe respondia o da vintena: levae-o alcaide, que não tenho agora paixão que valha de trezentos e vinte réis. Vós senhor estaes tão irado contra nós todos, que quereis fazer essa fineza pelos homens; elles vo-la merecem, que por vós e outros como vós se lançaram já muitos a longe e tomaram a morte por suas mãos, porém, a elles não estou tão obrigado, e em vez de me ir lançar no mar, como requereis, me irei a deitar no meu sacco e guardar-me na propria gaveta em que até aqui estava, fazendo uma vida politica mas quieta.

Portug. Todos finalmente viremos a fazer o mesmo, mas ouviremos primeiro o nosso cruzado, que eu fio d'elle lhe não faltem boas razões para provar o pensamento que seguis.

Cruzado. Grave é o negocio para repente, mas já houve algum que disse: queria antes errar de pressa que acertar de vagar.

Portug. Esse é manifesto engano, porque ninguem é obrigado a obras diligentes, e todos o são a obras

boas; mas muito certo é que cada um ponha outro nome á sua vontade.

Cruzado. Verdadeiramente quem executa suas acções com promptidão, grande desculpa tem quando as não acerte; de mais, que tambem a architectura das obras boas pede presteza e conveniencia, visto que a tempo o ferro mata, e a tempo é provadissimo remedio.

Portug. Ora fui ou de pressa ou de vagar? Dizei o vosso parecer.

Cruzado. Parece-me, amigos, que a nós outros o dinheiro do mundo nos succede o mesmo que ao ferro e chumbo, bronze e aço, que verdadeiramente Deus deixou para conveniencia. O ferro duro com que se lavra a terra, o chumbo menos rebelde para as cousas que pediam mais brandura; o cobre para os instrumentos do commodo, o aço para os da fortaleza, e d'esta sorte e para este fim enriqueceu de metaes a terra, que preparava para pouzada do povo humano, a quem não queria faltasse algum genero de commodidade. Mas elle rude, soberbo, teimoso, parvo e avarento, eis que de ferro foi fazer espadas e cutellos, de chumbo balas, de cobre peças, de aço pontas de que nenhuma vida possa estar segura, a modo de boi de arame d'aquelle Phalaris e d'aquelle Peryllo, cujo artificio castigou o seu inventor proprio. Da mesma sorte na prata e ouro parece que quizeram baldar os homens a providencia Divina, porque a estas famosas materias, dedicadas a esplendor, conveniencia e adorno do mundo, de tal sorte foi por elles trocado seu uso licito, que de sua abundancia fizeram tyrannia, e de sua falta infamia; em sua commutação enxiriram falsidade, em sua grandeza risco, em seu dispendio cautella, da qual baralha procede que todos andem n'ella mettidos, como insanos; uns trabalhando por adquirir-nos para nos desperdiçar, outros havendo-

nos adquirido, enterrando-nos para que ninguem nos goze; infinitos nos roubam áquelles que nos guardam, para cahirem depois no proprio engano e castigo, sendo-lhe nós levados a elles. Pelo que haveis de saber, amigos, que d'este mau uzo em fóra, eu sinto em mim que nós somos a melhor invenção do mundo. Fallaes-me no que vale e no que descança, estar um cidadão em sua casa dormindo, regalado, seguro e quieto em noite tempestuosa de dezembro, e a troco de uma pequena migalha de prata e ouro estar o miseravel pescador luctando com a morte duas marés inteiras para lhe trazer de madrugada o goloso besugo ou o pintado salmonete, que lhe vem como pintado para jantar a sua senhora! Dizei-me que cousa ha no mundo, como ter um senhor muitos creados, que por breve porção de dinheiro o sirvam e lhe adivinhem os pensamentos, e o que é mais, que lhe soffram impertinencias e semrazões, e possa aquelle curto interesse fazer maiores e menores homens, aquelles que Deus e a natureza fez eguaes! Que o mercador assista no seu porto, mole de mimoso, podre de rico, quando por seu dinheiro andem cem homens (ás vezes melhores que elle) dobrando cabos não conhecidos, forcejando com ondas e com ares por lhe adquirir mais thesouros! E finalmente, que o principe não saiba mais que medir com vagaroso passeio a breve distancia que ha do throno ao leito, do leito á meza, da meza ao coche e do coche ao paço, quando innumeraveis gentes (as mais de quem nunca foi ouvido ou visto) pelo preço de uma pobre paga e de um soccorro inserto, se exponham ao trabalho e se arrisquem á morte, e se aventurem ao inferno! Ora passae ávante com o discurso, e fazei conta que não ha no mundo dinheiro; antes por acordar sesudo (como dizem os que o dese-

jam doido) se extingue entre os humanos esse costume. Considerae agora qual seria a confusão da gente, como se conservaria a nobreza dos nobres, a justiça dos justos, a fortaleza dos fortes, a humildade dos humildes? Como serviriam os pobres, como comeriam os famintos? Que tal em fim havia de ser o trato dos mortaes? Que roubos, que mortes, que insultos a cada passo succederiam; querendo o mais potente ser melhor, o mais furioso o mais accommodado? Como se remediaria a esterilidade das provincias? Como se aproveitariam da sua abundancia, porque sem interesse quem passaria trabalhos, e sem trabalhos como se venceriam as difficuldades de que o mundo é composto? Quem haveria, ou quem havia de ser aquelle que fizesse respeitar a magestade, venerar a grandeza, sustentar a razão e appetecer a honra? Sendo certos que premios e castigos são mais verdadeiros polos do mundo visivel, que o arctico e antarctico. Os tratos e commercios da gente, que são nervos da republica, que fim haviam de ter? Oh! que depressa afrouxariam em seu movimento! Se pois todos os bens se fazem em virtude do dinheiro, se todo o mal por seu meio se póde evitar, para que quereis prohibir aos homens o melhor instrumento que descobriu a industria humana, em cuja estimação, como necessidade convem barbaros e politicos, quasi como natural remedio e ensino d'ellas? só d'esta lei se isentaram as alimarias, ou aquellas gentes que das suas rudezas mal differem, por lhe não ser concedido o entendimento, dote de anjos e homens, como mais illustres creaturas do ceo e terra. Nós bem vêmos que os cafres uzam do seu Zimbo (pouco vae em que o nome e a materia sejam diversos) os ethiopes do seu Libongo; até os maranhões remotos, do seu algodão batem moeda; quaes indios a fazem de panno torcido;

quaes de ferro e de cobre ou da missanga, porque não consiste o valor do dinheiro em que elle seja de qualidade realmente intrinseca, que essa tambem não alcança a prata e o ouro, (pois por bem fino da estimação é avaliado) mas basta que ella lhe esteja constituida por universal beneplacito d'aquelles que o uzam, para que sobre esse genero, ainda que inhabil, se funde o trato util da commutação reciproca, fiel, e descançada, que sómente requer egualdade, sem a qual nenhum homem póde viver com outro, depois que a multidão dos viventes se descartou com o impossivel do primeiro uzo da communidade dos bens, que só poude observar-se quando entre a gente do mundo não concorriam tão diversas vontades e appetites, que são condições inseparaveis dos homens, os quaes pódem e devem moderar quando injustos ou justos; mas nem justos nem injustos pódem extinguir em si mesmos. Porque como ao principio eram poucas almas, eram tambem poucas as vontades e affectos de que se adornam; contra o que pareceu aos platonicos que affirmaram (com erro) o numero certo dos espiritos. Cresceu como seu numero o perigo das gentes, e sobre a diversidade se estendeu logo o appetite, que o dinheiro em vez de fomentar modéra, ou pelo menos não accrescenta mais do que diminue. Porque como elle seja paga de tudo, aquelle a quem falta é força modificar seus desejos, que d'outra sorte cresceram fomentados da abundancia de nossas paixões (de que nenhnm animo é pobre) até se satisfazer á custa de muitos inconvenientes. Porque se bem é verdade que o rico logo cresce em pensamentos, tambem é sem duvida que o pobre logo d'elles se abate; e como no mundo é tão menos a copia dos prosperos, que a dos miseraveis, muitos mais são aquelles a quem a falta de dinheiro faz comedidos,

que não insolentes a sua copia. Serve o dinheiro na republica do que na musica o compasso: este regula os tempos, vozes e quantidade, para que soando uns mais, outros menos apressados ou vagarosos, guardem entre si todos perfeita consonancia; da mesma sorte o dinheiro taxa ou reparte o movimento ao trato humano; porque dispondo como os poderosos sôem mais e mais depressa e sejam melhor ouvidos, e sumindo as vozes ao povo pequeno, guarda o mundo aquella ordem de que resulta sua perfeita harmonia; d'onde já disseram os sabios, que na variedade consistia a formosura da natureza. Pelo que eu sou de parecer que o erro, que hoje se padece nas deformidades de que somos calumniados, não consiste na desegualdade com que a sorte nos repartiu, se não no errado uzo com que de nossa presença ou ausencia se servem àquelles que nos possuem, ou aquelles que nos desejam. Porque se os ricos gastassem e os pobres merecessem, brevemente viriam todos a conseguir sobre o commodo a egualdade; mas que quereis vós que seja, se uns não fazem se não invejar e desmerecer? Mal se tirara a agua de um poço pofundo, se os alcatruzes se não communicassem uns aos outros; porque se o cheio não lançasse a agua no vasio, e aquelle depois de cheio não despejara no outro que está vasio, ainda como elle ha pouco estava, mal podéra a agua chegar acima. Porém n'estas malditas noras, ou sogras, que hoje se costumam no mundo, cada hora se nos amuam e antipairam os alcatruzes, sem que um queira ser bom ao ontro, querendo antes desperdiçar o seu cabedal, que valer com elle aos seus vizinhos.

Aquelle que tem a agua, lá a bebe, lá a consome comsigo mesmo, e o coitado que a não tem, nem quem lh'a lance, dá quarenta mil voltas, no cabo fica

vaziu; com que a horta é a que perde, como se vê na hortaliça tão secca e tão desmedrada que hoje temos. Tudo isto vem de que não acabem de entender os homens, que o dinheiro se deve uzar como meio e não como fim.

E' o dinheiro meio universal de todas as cousas temporaes, porque por elle todas se alcançam e facilitam; mas sendo tão bom para ser meio, é muito máu para ser fim; porque quem só como fim o possue, esse sim terá dinheiro, mas nada tem por elle, e tanto lhe importará uma caixa de ouro, como uma de areia, se d'esse dinheiro não uza nem dispõe; de onde me affirmam amigos, que se entre nós ha modos para fazer que os homens nos tratem como ponte e não como estalagem, bom conselho tomamos em nos aconselhar o que faremos, buscando modos para conseguir o seu e nosso remedio; mas pois não temos n'essa faculdade poder, fique-se cada qual em seu engano ou desengano, e demos nós graças a Deus, que nos deixou a menor parte do perigo.

Dobrão. Fallou bem o Cruzado.

Vintem. Para fidalgo mancebo, não o tem hoje feito mal.

Cruzado. Ainda me sobejaram razões para vo-lo agradecer.

Vintem. Oh! por Deus, não no-las digaes, que não ha maior sandice, que levar tudo ao cabo!

Portug. Ora fiquem os cumprimentos em custodia, e até á primeira audiencia, para que no-los deis juntos todos quando vos gabarmos a relação da vossa vida e costumes, que esperamos ouvir-vos e ao senhor vosso companheiro.

Dobrão. E quando será isso?

Portug. Será a primeira noite que nos acharmos ociosos, que esta não vae mal lograda.

Vintem. Fiquem embora, e por agora ponde estanque sobre a conversação, porque se me afigura que ouço já tenir as chaves do nosso carcereiro, que vem correr o ferro, como é uzo.

Dobrão. Vir-nos-ha a contar esta madrugada, que assim o costuma sempre.

Portug. Pouco lhe importa, se do contado come o lobo; se não diga-o a chave falsa do sobrinho.

Vintem. E a gazua do creado.

Cruzado. Não contaes o embuste do amigo?

Portug. Pobres de nós, quantos contrarios temos!

Vintem. Isso é falso, porque não são menos os amantes.

Portug. Aonde nos iremos entretanto?

Vintem. A Genova, porque o turco anda em Veneza.

Dobrão. Lá nos levam por força, com que vos escusam o ir degradado.

Portug. Sou velho e ali faço conta de dar a ossada.

Vintem. E' o Valle de Jozaphat do dinheiro; todos lá havemos de ir parar.

Cruzado. Tomae meu conselho, e fiquemos mudos ao pé d'esta gaveta, até vêr o que o mundo faz de si.

Dobrão. Ou o que nós fazemos d'elle.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

